

VOZ OPERÁRIA

N.º 197 ☆ RIO DE JANEIRO, 28 / 2 / 1953



A REFORMA AGRÁRIA NA CHINA

(Leia na
Pág. Central)

A Luta dos Flagelados Pelo Trabalho e Pelo Pão

Após três anos consecutivos de seca, toda a vasta região do nordeste é como uma terrível chaga aberta. Sofrimentos indescrivíveis castigam implacavelmente as populações e, mais do que todos, as massas de milhões de camponeses são lançadas às mais negras condições de miséria, de ameaça de extermínio pela fome e pela sede. O gado morre. Tentando fugir à calamidade, os trabalhadores da terra, os pequenos e médios proprietários, são forçados a abandonar tudo o que têm. As doenças assolam a população dos famintos. Milhares de crianças morrem à mingua e são enterradas à beira dos caminhos.

A longa duração da seca mostra brutalmente que o governo de Getúlio nada fez e nada quer fazer em ajuda às populações flageladas. Os açudes construídos valorizam as terras dos «coronéis». Essas terras permanecem entretanto, inaproveitadas e improdutivas, quando é sabido que nelas poderiam ser instaladas de imediato para trabalhar e produzir pelo menos duzentas mil famílias de nordestinos. Por que as terras frescas e irrigadas não foram distribuídas aos camponeses? Os fatos respondem: porque o governo, na verdade, não se preocupa em combater a seca e seus trágicos efeitos para as massas; para o governo trata-se de tornar os grandes fazendeiros ainda mais ricos com o pretexto da seca.

Ao mesmo tempo, vemos como dentro do chamado «polígono das secas» o governo emprega bilhões de cruzeiros em despesas de guerra, construindo as bases navais de Santa Amaro, em Recife, e de Aratá, na Bahia São bases para a marinha de guerra americana. Cada dia que passa, o governo investe novas e enormes somas na compra de armamentos nos Estados Unidos. As coisas se tornam claras para os flagelados nordestinos e todos os brasileiros, seus irmãos: os recursos que podem e devem ser mobilizados em ajuda do povo, em comida e trabalho, são empregados em despesas para a preparação guerreira. E quando os retirantes lutam por comida e trabalho, o governo manda a polícia atacá-los. As chamadas «obras contra as secas» são um antro de negociações dos afilhados do governo. Todos estes fatos demonstram que o governo de Getúlio é um governo inimigo do povo, um governo dos grandes fazendeiros e «coronéis», um governo de guerra e laçoio dos americanos.

O povo nordestino não tem outra escolha a fazer, não pode esperar mais — tem de lutar para não morrer de fome e sede. Esse é o caminho que os flagelados começam a seguir. Tomam a comida nos armazéns como em Itapipoca, cercam os armazéns fornecedores dos ricos como em Sobral, invadem as cidades em busca de alimento como em Camoinda Grande. Em defesa da sua vida, de suas famílias, da vida de seus filhos, os sertanejos do nordeste empregam com justa razão todas as formas de luta. Eles contam com a solidariedade dos seus irmãos de todo o Brasil.

As populações nordestinas unem-se para exigir trabalho, comida e medidas efetivas contra as secas. Em lugar de despesas de guerra, em vez de armamentos e bases navais, eles exigem ajuda imediata e urgente aos flagelados, socorro às crianças nordestinas que morrem à mingua.

Não há mais promessa que sirva para iludir e desviar a atenção dos flagelados. A tragédia que se desenrola no nordeste calcinado pela seca demonstra que os comunistas têm razão: esse governo de Getúlio é um governo de fome, guerra e opressão e precisa ser substituído por um governo democrático-popular, por um governo capaz de enfrentar e resolver os problemas que afligem o povo brasileiro.



O FIM MELANCÓLICO DO LEAO BRITÂNICO...

VOZ DOS LEITORES

Quem é Que Lucra com A carestia

De Pederneiras, Estado de São Paulo, o leitor G. Santos envia-nos a seguinte carta: «O sr. Francisco Ruiz, proprietário de uma grande cerâmica em nossa cidade, e um dos principais acionistas do Banco Nacional Paulista S/A., com cerca de quinze filiais bancárias, fez sua campanha eleitoral e a de seu partido o P. S. P. à base das mais cínicas promessas e de grande demagogia. Prometeu, por exemplo, aos operários de sua cerâmica um aumento de salários tão logo vencesse as eleições. Porém em vez de aumento demitiu cerca de 40 operários para contratar outros trabalhadores pagando-lhes menos, Cr\$ 32,00. Devido às crescentes dificuldades ocasionadas pela carestia da vida muitos operários vêm sendo obrigados a desistir de trabalhar na indústria de cerâmica pois os salários mal dão para as despesas da casa. Esse demagogo e poderoso industrial quando recebeu uma comissão de jovens operários que lhe pediam aumento de salários, em vez de pagar o aumento mandou distribuir umas melancias entre as operárias. juntamente com os baixos salários os operários enfrentam a crescente carestia da vida que aqui em Pederneira aumenta sem cessar: Assim, por exemplo, um quilo de arroz que estava custando Cr\$ 5,00 hoje está sendo vendido a Cr\$ 12,00; um quilo de açúcar que custava Cr\$ 3,50 hoje está sendo comprado a Cr\$ 5,00. O pão que há bem pouco tempo era comprado por Cr\$ 6,00 hoje é vendido a Cr\$ 9,00. E assim muitos outros artigos de primeira necessidade como a banana, o feijão etc. Enquanto nossa miséria cresce o demagogo de Ademar e do P. S. P. vai aumentando sua riqueza e a exploração.»

Está bem claro, portanto, que nós, operários, e todo o povo temos que lutar contra a carestia, contra esses sanguessugas que enriquecem com a carestia e ainda querem nos mandar para a Coreia».

★

Não querem Morar nas Fazendas

Como acontece em todo o Estado de São Paulo, os camponeses, à procura de uma maneira e ganhar salário, abandonam as fazendas e vão morar nas cidades e muitas vezes continuam trabalhando nas fazendas. Pois os fazendeiros exploram os camponeses que moram nas fazendas. Não pagam mais que dois mil cruzeiros e pelo trato de mil pes de café para os colonos e para os diaristas 16, 18 e 20 cruzeiros. Algumas usinas de açúcar pagam 22 e 25 cruzeiros por dia.

Lutando contra essa exploração, os camponeses mudaram-se para as cidades e vão para o trabalho em caminhões todos os dias e, conforme os lugares, de oito em oito dias. Assim, os fazendeiros são obrigados a pagar de 40 a 50 cruzeiros diários.

O governo inimigo dos camponeses, governo de fazendeiros como o de Getúlio e Garcez pôs a sua polícia a serviço dos taturais. O delegado de São João da Boa Vista mobilizou seus tiras para impedir que os caminhões transportem os camponeses e está exigindo

que os trabalhadores que vieram para as cidades voltem a morar nas fazendas. Em vista disso alguns caminhões pararam e voltaram.

Mas houve um em que os camponeses protestaram. Sentindo-se apoiado, o chefe exigiu dos tiras que usasse paga a viagem. Se o delegado deu ordem de voltar, ele que pagasse a despesa. Os policiais vacilaram. Apoiado pelos camponeses o chefe avisou aos policiais que ele ia seguir para a frente. Que saíssem do caminho. Os policiais tiveram que se afastar e o caminhão passou.

Os camponeses viram que se trata duma manobra dos fazendeiros e do governo de Getúlio e Garcez, como aquela que queriam fazer com os imi-

grante italianos, obrigando-os a ficarem nas fazendas. O que o governo quer é fazer com que os trabalhadores voltem a morar nas fazendas para sofrer toda espécie de exploração.

Em São João da Boa Vista há cerca de mil trabalhadores da roça que vieram morar na cidade e vão todos os dias de caminhão trabalhar nas fazendas. Esses mil já viram que é só com a união que podem vencer as perseguições e a exploração dos fazendeiros e desse governo de fome que é Getúlio. Junto com os camponeses que ainda moram nas fazendas, os mil que estão na cidade vão trabalhar para formar um sindicato rural.

Bruno Ferreira (São João da Boa Vista, S. Paulo).

UMA EXPERIÊNCIA DA LUTA CONTRA O ACORDO

Na Usina Santa Olimpia em São Paulo, operários patriotas, indignados contra o Acórdo Militar Brasil-Estados Unidos, negociado por Vargas, recortaram dos jornais notícias sobre as consequências funestas para a vida do nosso povo, caso seja aprovado esse acórdo, e, colando esses recortes em pedaços de catrolina, distribuíram-nos nas diversas sessões da Usina.

Grande número de operários leu essas cartolinas e se manifestou a respeito do Acórdo. Na sessão do forno, um desses recortes foi lido por cerca de 16 operários. Noutro local, surgiram debates num grupo de 6 operários, que, revoltados com a traição que se pretende cometer, comprometeram-se a ajudar a coletar assinaturas de protesto contra a aprovação do acórdo.

E' assim, que desde as fábricas, vai se organizando a grande frente unica nacional, contra esse tratado infame que Getúlio quer impor ao nosso povo e será fatalmente derrotado.

O Roubo Da Mala Na Bahia

Após mais de um ano de lutas, que culminou com uma greve de 24 horas, em setembro de 1952, os tranviários baianos saíram parcialmente vitoriosos, conquistando um aumento nos salários que varia de 20 a 50%.

Desesperados com essa vitória, embora parcial, dos trabalhadores, os gringos da Cia. Linha Circular de Carriis da Bahia, por cima da decisão do T. R. T. e da própria Legislação do Trabalho, estão executando um plano de roubos escandalosos, perseguições e demissões em massa de trabalhadores.

A princípio, quando ainda não havia entrado em vigor o aumento conquistado pelos trabalhadores, o polvo americano iniciou o seu criminoso plano demitindo dezenas de trabalhadores, sob a falsa alegação de que a Cia. estava às portas da falência e não podia arcar com a despesa resultante do aumento. Forçada a efetuar o pagamento do aumento conquistado, em consequência da greve vitoriosa, a Circular continuou as demissões sumárias em todas as seções, cujo número, nesta data, já sobe a mais de 500 trabalhadores, com ameaça de demissão de todos os trabalhadores que tiverem menos de 10 anos de serviço.

Mas o plano da Circular não se restringe somente às demissões de trabalhadores, vai muito além. Impedida pela pressão popular de au-

mentar as passagens dos bondes, de onde esperava arrancar o aumento conculsado pelos trabalhadores e aumentar ainda mais os seus lucros, a CLCCB está utilizando todos os métodos possíveis de perseguição e chantagem contra os trabalhadores, a fim de anular o referido aumento.

Um desses golpes, e sem dúvida o mais escabroso e revoltante, é o chamado «FALTA DE MALA», aplicado contra os condutores.

Esse golpe, consiste, em resumo, no seguinte: nos carros fechados, trabalham o motoneiro, que dirige o bonde e ao mesmo tempo registra as passagens, fazendo, ainda, o papel de fiscal, e o condutor, cuja função, como a do motoneiro, é dupla: «facilitar o troco» e abrir e fechar as portas do veículo. Ao condutor, portanto, não compete receber as passagens e sim «facilitar o troco», segundo aviso da própria Cia. afixado nas paredes internas do veículo. E' o próprio passageiro quem deposita o valor da passagem na caixa coletora colocada junto à porta de saída. Essas caixas coletoras são trancadas e trancafiadas e somente abertas por funcionários especiais, que levam o dinheiro arrecadado para ser contado na Cia., sem que o condutor tenha direito de presenciar a contagem. Pois bem, a Companhia Linha Circular, aplicando métodos de verdadeiro gangsterismo, está descontando do salário dos condutores o que ela chama de «falta de mala», ou seja, a possível diferença entre o registro de passageiros feito pelo motoneiro e a importância coletada pela caixa.

Mais de cem condutores já deram entrada a reclamações na Justiça do Trabalho exigindo a devolução do dinheiro descontado a título de «falta de mala», bem como a abolição dessa descarada chantagem. Também o Sindicato dos Trabalhadores em Carriis Urbanos vem se colocando energicamente contra o roubo imundo dos americanos da Praça da Sé.

Do correspondente Florivaldo Viana.

Carrascos De anel E Diploma

Quero mais uma vez protestar contra a atitude destes médicos daqui das Minas de Butiá, tanto os da Caixa de Aposentadorias como o do Seguro, este último chamado Dr. José Zereu. Esse médico, principalmente, trata os operários de forma mais revoltante possível. Assim o trabalhador só tem direito ao seguro se for ao ambulatório botando sangue ou se estiver com a saúde totalmente arruinada. Há poucos dias um «furação» quando trabalhava com um martetele no interior de uma das galerias sofreu um acidente quando o martetele escapou da broca e bateu solto numa perna do operário. E' um monte de ferro que pesa mais ou menos 30 quilos. Quando o trabalhador saiu das galerias já estava com a perna completamente deformada indo para o ambulatório do Seguro. O médico, dr. Zereu, em vez de tratá-lo como devia foi apertando sua perna até que o operário não resistindo tamanhas dores se viu obrigado a gritar. O dr. Zereu lhe disse que não era nada e que podia continuar trabalhando. Em vista da reação enérgica do operário o médico lhe deu um litro de água oxigenada e mandou que ele ficasse sem trabalhar dois dias o que não adiantou. No fim de dois dias o operário acidentado estava com a perna do mesmo jeito não tendo outro remédio senão ficar em casa parado, por sua própria conta, sem ganhar nada. Médicos desse tipo são os encarregados do «tratamento» dispensado aos operários. Esses senhores que vêm para as Minas de Butiá trazendo um anel na mão e um diploma nos braços são nada mais do que uns autênticos carrascos».

VOZ OPERÁRIA

Director Responsável
JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ: Av. Rio Branco, 257 - 17º andar - Sala 1712 SUCURSAS
SAO PAULO - Rua dos Estudantes, 84 - Sala 29; P. ALEGRE - Rua Voluntários da Pátria, 527, - S/ 48 RECIFE - Rua da Palma, 295 - Sala 205 - Ed. Snel; SALVADOR - Rua Saldanha da Gama, 22 - térreo; FORTALEZA - Rua Barão do Rio Branco, 1248 - S/ 22 ASSINATURAS
Anual Cr\$ 60,00
Semestral Cr\$ 30,00
Trimestral Cr\$ 15,00
N.º Avulso Cr\$ 1,00
N.º atrasado Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO - RECIFE - PORTO ALEGRE - FORTALEZA - SALVADOR e BELEM.

GETULIO VENDE O BRASIL POR 300 MILHÕES DE DOLARES!

«FOI PENHORADO O OURO DO BANCO DO BRASIL», eis a manchete que com maior ou menor relevo dominou há dias toda a imprensa. Por ordem de um tribunal americano, a pedido de exportadores norte-americanos foi, realmente, penhorada parte do ouro que o Tesouro Nacional mantém em depósito nos Estados Unidos.

Os americanos gritaram, assim, para todo o mundo, que somos maus pagadores, cauleiros inveterados aos quais se precisa agarrar pela gola para tomar o dinheiro.

As pessoas honestas não puderam deixar de ver que se tratava de uma medida de pressão, de um ato de força, dos círculos dirigentes dos EE. UU., com a finalidade de obter concessões ainda maiores do que as já alcançadas por intermédio da minoria exploradora que se apossou do poder em nossa terra.

Entretanto como a camarilha dominante chefiada por Getúlio apresentou os fatos?

ESCONDENDO A VERDADE

Cumprindo seu papel de empregados graduados do governo de Vargas trataram de inocular os Estados Unidos da violência que fora praticada precisamente pelo Poder Judiciário dos Estados Unidos.

Assim, o embaixador de Getúlio em Washington, correu rastejando para conferenciar com o secretário de Estado adjunto, fazendo questão de declarar à imprensa que a atitude do governo americano, a respeito dos atrasados comerciais, fora sempre «muito benevolente». Afonso Arinos, líder da UDN, apressou-se em proclamar que, possivelmente, «o Governo norte-americano está alheio aos acontecimentos».

Láfer, ministro da Fazenda, e Anápio Gomes, presidente do Banco do Brasil, fizeram declarações em tudo semelhantes às de Coriolano de Góis, o homem que por ordem de Getúlio ordenou, há dez anos, o massacre da Praça da Sé e atual diretor da Carteira de Exportação e Importação, que disse: «O bloqueio do nosso ouro parece ser a resultante da atuação de um grupo restrito que está longe de representar o pensamento do comércio exterior norte-americano».

João Neves, ministro do Exterior, teve o desprazer de afirmar que não conhecia os fatos, embora eles fossem tipicamente relacionados com nossas relações exteriores.

Desse modo, seguindo o estilo de Getúlio, toda essa gente pró-lanque, acusada de caloteira, com o nariz esfregado por seus próprios patrões, timbrou em defender os atos, em dobrar ainda mais as espinhas flexíveis, com o melhor dos sorrisos na boca e o maior cinismo na alma.

— QUEM MUITO SE CURVA...

Mas como diz o ditado, «quem muito se curva apresenta o trazeiro». As zumbaias e declarações só serviram, portanto, para confirmar a posição de servilismo a que chegou essa gente sem escrúpulos, e apresentar mais uma vez a triste realidade de que o Brasil está de tanga, de que toda a imensidão de valores que exportamos a preços irrisórios, não dá para pagar as quinzenárias e os automóveis de luxo que são importados por um custo elevadíssimo.

Entretanto, ao mesmo tempo que defendiam os norte-americanos em sua violenta atitude, os eternos porta-vozes das eternas promessas não cumpridas trataram de «acalmar» a opinião pública. Anunciaram aos quatro ventos que o Governo solucionaria a questão, que todos os passos já estavam sendo dados para isso. Sim! Choveriam dólares!

A SOLUÇÃO AMERICANA FOI A ADOTADA

Mas a solução adotada foi a solução norte-americana.

No dia 18 de fevereiro, segundo o «Correio da Manhã», o embaixador do Brasil, sr. Walter Moreira Salles, conhecido banqueiro e negociante nativo, conferenciara longamente no Departamento de Estado sobre as negociações atualmente em curso entre ele e os dirigentes do Banco de Importação e Exportação para a concessão, por este último, de um empréstimo destinado a financiar o reembolso da dívida comercial, avaliada em cerca de 300 milhões de dólares.

O mesmo jornal, no dia 20, publicava a prova provada de que o empréstimo estava sendo negociado para satisfazer os interesses dos comerciantes americanos. Relatan-

do a reunião havida entre os exportadores credores do Brasil, o «Correio, noticiou que uma de suas resoluções foi de «que os comerciantes se comuniquem com seus clientes no Brasil para que estes insistam com seu Governo para que sejam aceleradas as negociações de um empréstimo ao Brasil, pelo Banco de Importação e Exportação». Por outras palavras, os comerciantes pediam a seus agentes brasileiros que pressionassem o Governo no sentido de contrair um empréstimo.

Esta solução, pleiteada e sugerida de há muito pelos exportadores norte-americanos, foi a que Getúlio pôs em execução.

No dia 21, a imprensa noticiava com grande alarde que o Brasil obtivera o empréstimo de 300 milhões de dólares, a juros de 3,5% ao ano, para pagar aos credores lanques. Para cobrir um buraco foi aberto outro ainda maior. Agora, além dos milhões da dívida, ficamos a dever os milhões de juros. Eis aí como Getúlio vence as dificuldades...

A algazarra em torno da «inocência» do governo americano na questão dos atrasados comerciais, transformou-se, imediatamente, em louvores aos homens de governo dos Estados Unidos. Agora, trata-se de provar, de um modo ou de outro, que se trata de uma «vitória política» como diz o desprezível Herbert Moses, de «uma prova da amizade do Governo norte-americano» como alardeia o almirante-gero, sr. Amara Peixoto.

O presidente da Ultra-Gás, João Neves, desta vez não disse mais que não sabia de nada. Pôde afirmar, com a mesma irresponsabilidade de antes, que a operação de crédito atesta a eficácia da política de cooperação entre os dois países, «a despeito da grita dos comunistas e seus associados». Informou, também, que fora ele um dos heróis da negociação, decidindo-a durante um almoço, em dezembro, em companhia de

John Foster Dulles, mas que todo o planejamento se deve a Horácio Láfer.

Moreira Salles, representante do Cateite nos Estados Unidos, foi mais categórico, ainda. Para ele, trata-se de uma grande prova de confiança no Brasil e no governo do sr. Getúlio Vargas. Em suma: confirma que os imperialistas americanos não têm dúvidas sobre a fidelidade de seu melhor lalaco.

O de que se esqueceu entretanto o sr. Moreira Salles foi de uma declaração por ele mesmo fornecida à imprensa num momento de sinceridade involuntária. Então, segundo o telegrama da France Presse, publicado pelo «Correio da Manhã», a 20 de fevereiro, o elegante banqueiro deixou escapar que «o problema do crédito não tinha nenhuma relação com os outros problemas econômicos do Brasil». Isto é, que não resolvia nenhuma questão realmente importante da vida do país; que se destinava apenas a entregar o dinheiro exigido pelos comerciantes americanos.

Está claro, porém, que não precisamos dos testemunhos dessa categoria para podermos ver com clareza o que significa a safadíssima transação bancária.

Como já vimos, o empréstimo só foi negociado para servir aos interesses dos norte-americanos que o exigiam desde o governo Truman.

Esse dinheiro não virá para o Brasil, nem será aplicado em seu benefício. Ficará nos Estados Unidos, nas mãos dos credores americanos, aos quais o povo brasileiro ainda terá de entregar milhões, para pagar os juros e saldar a dívida.

Todavia Getúlio já arranjou um outro meio de obter os dólares: a Lei de Câmbio Livre, que está intimamente ligada à concessão, dos dólares do empréstimo. Tanto está que ele só saiu na véspera da entrada em vigor dessa nova lei entreguista sancionada e proposta por Getúlio.

Allás, em seu jornal «Última Hora», escreve Wainer, que é o porta-voz oficial do Cateite, já anunciara, repetidas vezes, que o pedido de empréstimo estava intimamente ligado à nova lei cambial.

Ora, desde o dia 12, o «Wall Street Journal», segundo telegrama do I. N. S. publicado no «O Globo», definia perfeitamente o que vem a ser a Lei de Câmbio Livre, ao dizer que «o mercado livre de câmbio que entrará em vigor no fim deste mês equivale a uma desvalorização do cruzeiro que estimulará a exportação brasileira e reduzirá as importações».

LIQUIDAÇÃO DE NOSSAS RIQUEZAS

Traduzida em mludos, a Lei de Câmbio Livre, significa, portanto, o seguinte: o dólar, em lugar de ser comprado por 18 cruzeiros, passa a valer 36 ou 40 cruzeiros. Em compensação, com menos dólares, compram-se mais cruzeiros.

Isto quer dizer que os Estados Unidos, que nos adquirem diversos produtos pagarão menos dólares por eles. Agora, quando os gringos nos comprarem 18 milhões de cruzeiros de mercadorias, em lugar de pagarem 1 milhão de dólares, pagarão somente 500 ou 400 mil dólares. Desse modo, um grupelho de negociantes conseguirá, de fato, obter alguns dólares nos Estados Unidos, à custa da entrega, por um preço mais aviltado ainda, das riquezas nacionais que os americanos saqueiam. Com esses dólares obtidos, poderão comprar novos carros de luxo, novas geladeiras e novas armas para a polícia e as forças armadas.

O Brasil não está, portanto, arranjando dólares. Está perdendo suas imensas riquezas para que meia dúzia de exploradores obtenham alguns dólares.

AFINAL, PARA QUE DOLARES

Porventura o Brasil só pode vender e comprar nos Estados Unidos? Será que não há outros países que, por melhores preços e em melhores condições, possam negociar conosco? Será o dólar tão precioso que precisemos gritar: «Arranjai-nos dólares, ou morreremos de fome?»

Está claro que não. Diante de nós, solicitando nossos produtos, estão alguns dos maiores mercados do mundo: a União Soviética, a China Popular, as novas democracias da Europa. Há propostas concretas desses países para compras e vendas, vantajosas ao nosso país.

O Brasil pode resolver seu problema comercial pela ampliação de mercados. Pode desligar-se da escravização ao dólar, que só lhe traz malefícios. Por outro lado, esse regime que aí está, apoiado em grandes fazendeiros e altos capitalistas que, encabados com os americanos, exploram o povo brasileiro, não pode tomar qualquer medida em benefício do povo.

Getúlio está aí para servir aos iuques.

E' para isso que mantém uma violenta política antipopular.

Todavia, a fim de poupar da desmoralização esse seu agente mais categorizado, o imperialismo norte-americano usa a técnica de concentrar o ódio popular sobre pessoas secundárias, como os ministros e certos funcionários, que os próprios jornais do Governo criticam e atacam.

A verdade, porém, não pode ser escondida: os ministros, os embaixadores e a maioria parlamentar são dirigidos por quem? Por Getúlio! Quem é o presidente da República, o chefe do Poder? Getúlio! Quem assina as leis entreguistas e se curva ao embaixador americano? E' Getúlio, também.

Para fazer isso, ele e seus ajudantes querem dólares.

Mas nós, os brasileiros não precisamos de dólares, precisamos é de um novo regime, de um regime que não tenha Getúlio nem qualquer outro representante dos grandes latifundiários e capitalistas que vendem nosso país.

Sequestro do ouro, empréstimo nos Estados Unidos Lei de Câmbio Livre, não passam de novos efeitos da mesma política de submissão que gerou a Lei de Segurança o projeto da «Petrobrás» e o hediondo Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, que Vargas se apressa em fazer aprovar contra a vontade de nosso povo.

Um novo regime, democrático-popular, impedirá toda essa traficância com a honra nacional. E trar-nos-á algo muito importante: paz, independência nacional, comércio amplo, progresso e bem-estar social.

DECRETADA A DESMORALIZAÇÃO DO BRASIL PERANTE O MUNDO

O Sequestro do Nosso Ouro e os Seus Motivos

SEQUESTRO DE OURO

EM VIGOR O MERCADO DE CÂMBIO LIVRE

CONFIANÇA DE EISENHOWER EM VARGAS

O Empréstimo Onera o Brasil

Gastamos Cerca de 1 Bilhão Sem Nenhum Proveito

300 MILHOES DE DOLARES

APROVADO ONTEM EM PRIMEIRA DISCUSSÃO O ACORDO DE AJUDA MILITAR

RATIFICAMOS DEPUTADOS O ACORDO MILITAR

Observem os leitores a história que contam os títulos acima. Primeiro, foi o sequestro do ouro brasileiro nos Estados Unidos. Em seguida, a regulamentação por Getúlio da lei do câmbio livre e o ruinoso empréstimo de 300 milhões de dólares, que deixou eufórico muitos jornais e políticos. Por fim, a aprovação do Acordo Militar na Câmara. A sequência revela como funciona o mecanismo da traição ao Brasil.

Crédito de trezentos milhões ao Brasil

WASHINGTON, 21 (AP)
Banco de Importação e Exportação do Brasil anunciou hoje que recebeu um crédito de 300 milhões de dólares do Brasil.

WASHINGTON, 21 (AP)
O presidente dos Estados Unidos anunciou hoje que aprovou o empréstimo de 300 milhões de dólares ao Brasil.

WASHINGTON, 21 (AP)
O presidente dos Estados Unidos anunciou hoje que aprovou o empréstimo de 300 milhões de dólares ao Brasil.

WASHINGTON, 21 (AP)
O presidente dos Estados Unidos anunciou hoje que aprovou o empréstimo de 300 milhões de dólares ao Brasil.

WASHINGTON, 21 (AP)
O presidente dos Estados Unidos anunciou hoje que aprovou o empréstimo de 300 milhões de dólares ao Brasil.

WASHINGTON, 21 (AP)
O presidente dos Estados Unidos anunciou hoje que aprovou o empréstimo de 300 milhões de dólares ao Brasil.

UM NOVO LIVRO DE

STALIN

QUE VOCE PRECISA LER:

“Os Problemas Econômicos do Socialismo na U.R.S.S.”



Sobre esta obra genial escreveu Maurício-Grabois:

«Ali estão formuladas novas leis que iluminam não apenas o caminho do socialismo para o comunismo mas também a marcha irresistível de toda a humanidade para a sua libertação, para a liquidação definitiva de toda explorável de toda a humanidade para a sua libertação, para a liquidação definitiva de toda exploração e opressão.»

PEDIDOS PARA A

Editorial Vitória Ltda.

Rua do Carmo, 6 — Sala 1306 — Tel. 22-1613
RIO DE JANEIRO

Preço do exemplar: Cr\$ 15,00

CRÔNICA INTERNACIONAL

O rompimento de relações da U.R.S.S. com Israel, decorridos embora vários dias de sua comunicação em nota oficial soviética, não poderia escapar ao comentário desta seção, pela própria repercussão e importância do assunto. Essa nota, que prima pela serenidade e por uma esmagadora acusação na base de fatos concretos, veio chamar a atenção do mundo inteiro para um dos focos mais ativos dos serviços secretos anglo-americanos: o governo de assassinos e espiões chefiados pelo primeiro ministro Ben Gurion. Veio salientar igualmente a evolução que atravessa o chamado movimento sionista, surgido na Europa em fins do século passado como expressão dos interesses de classe da grande burguesia israelita, e agora utilizando a provocação, a espionagem e o terrorismo a serviço direto dos senhores da guerra de Londres e Washington.

De fato, pouco depois da descoberta dos monstruosos crimes praticados por um grupo de médicos na União Soviética, filiado à organização sionista «Joint», pouco depois de os chefes sionistas negarem em palavras as acusações de que eram alvo, eles próprios vêm confirmá-la com atos, como no caso do brutal atentado contra a vida do pessoal diplomático soviético em Israel, através do lançamento de uma bomba sobre o prédio da legação da URSS. Apesar do hipócrita pedido de desculpas enviado pelo presidente e o chanceler de Israel, a verdade, como destaca a nota soviética, é que «houve iniciativa e participação de representantes do governo de Israel». Basta lembrar, a propósito, o discurso feito a 19

de janeiro pelo ministro do Exterior Sharett, em que «instigou abertamente ações hostis contra a URSS».

Acenando com a conquista da Terra Prometida, de um «lar nacional judeu», o sionismo conseguiu enganar consideráveis setores das massas populares judias, especialmente nos países onde se desencadeavam perseguições anti-semitas. O verdadeiro objetivo dessa empresa era, porém, desviar da luta de classes os trabalhadores de origem judaica, cujo destino e cujos interesses se identificavam e se identificam com os dos demais trabalhadores, independentemente de origem racial e de filiação religiosa, que lutam, nos diversos países ainda dominados pelo capitalismo, por sua libertação nacional e social. O sionismo tinha ainda o objetivo, afinal alcançado pelos capitalistas hebreus, de apoderar-se das terras mais férteis e de um rico subsolo na Palestina, por meio da expulsão violenta dos camponeses árabes para o deserto. Isso coincidia perfeitamente com o objetivo dos imperialistas anglo-americanos de criar na Palestina um Estado judeu titer, como ponto de apoio aos seus interesses de dominação e pilhagem no Oriente Próximo.

E assim surgiu Israel. Surgiu como criação e instrumento dócil do imperialis-

ASSASSINOS E ESPIÕES NO GOVÊRNO DE ISRAEL

mo. Recorde-se ainda que o chefe sionista Chaim Weizmann, presidente do Estado de Israel e recentemente falecido, residia desde 1915 na Inglaterra e executava, como professor de Química, tarefas militares do governo inglês. Outro líder sionista e membro do governo de Israel — Shillock — foi organizador da espionagem israelita a serviço do Departamento de Estado americano. Ben Gurion, primeiro ministro, e Sharett, ministro do Exterior, participaram em 1947 de uma conferência secreta em Washington com Truman, Acheson e Morgenthau, na qual foi aprovado o «Plano Morgenthau-Acheson» que fixava, entre outras condições para o apoio e assistência dos Estados Unidos a Israel, a colocação em larga escala das organizações sionistas e dos «diplomatas» israelitas a serviço da espionagem americana.

Os últimos acontecimentos mostram como esses laços estão cumprindo seus compromissos infames. Assim é que, segundo se revelou no processo de bando de Slansky, os ex-enviados de Israel em Praga, Avriel e Kubevy, operavam em íntimo contato com os espiões e sabotadores, davam-lhes instruções e os punham a salvo em caso de perigo. Assim também é que, com a descoberta da rede de médicos monstros que operavam na URSS, a «Joint» e

outras organizações sionistas que se cobriam com o rótulo de «filantrópicas» e «culturais», foram desmascaradas como covis de espiões, sabotadores e assassinos, custeados pela verba de 100 milhões de dólares instituída para esse fim pela lei americana de Segurança Mútua.

A descoberta e desmascaramento desses anjos de celerados representou um golpe mortal na cabeça da quinta-coluna americana nos países do socialismo — uma das peças principais dos planos guerreiros imperialistas. Daí o desespero dos espiões ianques. Daí a intensificação da campanha anti-comunista e anti-soviética, que os círculos dirigentes de Israel sempre realizaram e que culminou com o revoltante atentado contra os representantes diplomáticos soviéticos.

Rompendo relações com esse governo de criminosos terroristas e lacaios dos armamentistas anglo-americanos, o governo de Moscou — que pôs o anti-semitismo fórra da lei na URSS e cujo exército salvou milhões de judeus das garras dos assassinos nazistas — desmascara, com toda a sua autoridade, os chefes sionistas e os titeres de Israel como agentes mercenários dos piores opressores dos povos, inclusive do povo judeu, do qual se arvoravam em «salvadores». Mas, sobretudo, presta o governo soviético um grande serviço à causa da paz ao revelar a verdadeira face desse repulente bando de assassinos e espiões encastelados no poder em Israel para melhor servir à burguesia imperialista e incendiária de guerra da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos.

7 DIAS NO BRASIL

FOI RECEBER ORDENS DOS GRINGOS

Está nos Estados Unidos o ministro da Guerra de Getúlio, Ciro do Espírito Santo Cardoso. É mais um general e figurão do governo de traição nacional que atende ao chamado do patrão lanque. Continua o belga-mão dos «yes men», os que dizem «sim» a tudo o que os americanos ordenam. Ciro foi receber ordens para a preparação guerrilha para o envio de jovens à Coreia.

OUTRAS BATALHAS VIRÃO

Por 135 contra 39 votos, aprovou a Câmara em primeira votação o «acórdão» infame. Os lacaios do Imperialismo, sob o chicote de Vargas, arriaram a máscara. Mas a influência da indignação popular também se fez sentir. 39 deputados que tiveram a dignidade de votar pelo Brasil. O povo guardou os nomes dos vendidos e intensifica a luta para derrotar o «acórdão». É o que ficou demonstrado na grande reunião pública, realizada logo após a traição da Câmara, na ABI, da qual participaram os generais Leônidas e Felicitíssimo Cardoso, os parlamentares Campos Verga, Coelho de Souza, Roberto Morena e outras personalidades. Mostraram os oradores que a votação na Câmara foi uma primeira batalha. Outras virão e, na última, a vitória só pode ser do povo brasileiro.

CANDIDATOS DO POVO

O POVO paulistano participará das eleições para Prefeito e Vice-prefeito da capital paulista. Uma convenção popular, realizada em meio ao maior entusiasmo, escolheu os candidatos do povo: para Prefeitura: André Nunes Junior, ex-presidente da Câmara Municipal; para Vice-Prefeito: Nelson Rustici, presidente do Sindicato dos Têxteis. Os dois candidatos aceitaram o programa mínimo de reivindicações proposto pelos comunistas e no qual estão incluídas as aspirações mais sentidas e urgentes da população de São Paulo. Um ambiente de alegria e entusiasmo tomou conta dos trabalhadores, dos jovens, de todo os partidários da paz da capital bandeirante. Já agora o povo não estará ausente do pleito e os candidatos oficiais e não oficiais da plutocracia, embora amparados pelo poder da máquina fácil e da polícia, encontrarão oposição.

CÂMBIO LIVRE

Logo que começou a vigorar o chamado «câmbio livre» as companhias de aviação passaram a cobrar o dólar a 37 cruzeiros. Esse era mais ou menos o preço do mercado negro. O primeiro aspecto da lei americana de Getúlio é a legalização do câmbio negro. O segundo é a desvalorização do cruzeiro. Oficialmente o dólar era comprado por 18 cruzeiros e 50 centavos. Agora, também oficialmente, é preciso o dobro. Quer dizer: nosso dinheiro ficou valendo a metade para negociar com os americanos.

CONVENÇÃO NACIONAL CONTRA O ACÓRDO

INTENSIFICAM-SE em todo o país os preparativos para a grande Convenção Nacional contra o Acórdão Militar Brasil-Estados Unidos, a inaugurar-se no Rio, dia 14 de março próximo. Na Bahia, grande número de personalidades, parlamentares, líderes sindicais convocaram a Convenção Baiana contra o Acórdão Militar para os dias 26 e 27 do corrente. No Espírito Santo foi constituída a Comissão Estadual contra

o Acórdão, da qual participam figuras de todas as tendências. A Convenção do Rio Grande do Sul realizar-se-á nos dias 2 e 3 de março próximo. Também nos primeiros dias do mês vindouro terão lugar as reuniões estaduais dos paraibanos e paraenses. No Estado do Rio e no Distrito Federal é intenso o trabalho preparatório, com a realização de conferências e reuniões de bairro e coleta de assinaturas para protestos e telegramas à Câmara. Tudo desembocará na grande Convenção que, constituirá, sem dúvida, um novo e vigoroso golpe nos traidores da Pátria.

GOVERNO PIOR QUE A SECA

É a própria imprensa governista quem se vê forçada a confessar que «grassa o flagelo (da seca) em todos os quadrantes do nordeste. Surge um novo campo de concentração em Garanhuns. (mais um!) Que fazem os homens do governo diante dessa situação? Eis os fatos: «Exploração dos flagelados pelos próprios dirigentes das obras contra as secas». E ainda mais: «Funcionários do Ministério da Viação enriquecem com a seca!» É o que dizem alguns títulos duma página inteira sobre a seca na «Última Hora» do dia 24-7-53.

APOSSAR-SE DOS ALIMENTOS, TOMAR A TERRA

Mas desta vez está acontecendo uma coisa que não se via nas outras secas. Os gestos individuais e isolados de desespero cedem lugar às ações organizadas das massas. Os flagelados lutam, unidos, tomam a comida, fazem tremar a malta de ladrões e latifundiários. Eis alguns fatos:

A prefeitura de Santa Cruz, na Paraíba, está cercada. Em Currais Novos e São Tomé, os flagelados apossaram dos depósitos de viveres. Em Cuité, os flagelados levaram todos os gêneros da feira-livre.

400 flagelados ocuparam a prefeitura de Ouricuri, em Pernambuco.

Em Sobral, Ceará, 300 homens armados aproximam-se da cidade.

Os flagelados lutam e alguns já se constituem em destacamentos armados.

ROUBO DE AREIA MONAZITICA

Nova e gravíssima denúncia dos crimes de Vargas contra o Brasil. Fatos apurados por patriotas capixabas, foram denunciados à nação pelo deputado comunista Roberto Morena. No dia 16 do corrente, um navio norte-americano, da Moore Mac Cormack Line, carregou, no Espírito Santo, 500 toneladas de areia monazitica (matéria prima para a bomba atômica, cuja exportação é proibida) e rumou para os Estados Unidos. Depois disso, outro navio da mesma empresa arrebanhou mais 500 toneladas do precioso minério e seguiu para a América. Esta não é a primeira vez que os ianques fazem isso, de cumplicidade com Vargas. Este é apenas um detalhe do saque do Brasil pelos trustes, mas que confirma mais uma vez o caráter de traição do governo e desperta indignação em todos os patriotas.

DEMOCRACIA POPULAR

— CIRCULA ÀS TERÇAS-FEIRAS —
— semanário de atualidade política —

Carbúnculo, Cólera, Peste, Armas Dos Agressores Ianques

NOTA DA REDAÇÃO — O professor Samuel Barnsley Pessoa, catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, integrou a Comissão Científica Internacional que investigou a guerra bacteriológica na Coreia e na China. O documento que abaixo transcrevemos, discurso pronunciado no Congresso dos Povos pela Paz, em dezembro último, em Viena, guarda, também a maior atualidade. Telegramas desta semana informam que os agressores americanos insistem no monstruoso emprego da guerra bacteriológica.

FALANDO PERANTE 2.000 REPRESENTANTES DE 80 PAÍSES NO CONGRESSO DE VIENA, O CIENTISTA SAMUEL PESSOA DENUNCIA O EMPREGO DA GUERRA BACTERIOLÓGICA, POR ELE MESMO COMPROVADA, NA COREIA E NA CHINA

Introdução

A guerra bacteriológica é tão monstruosa que muitos ainda duvidam de sua possibilidade. Devo confessar que eu mesmo acolhi com grande ceticismo as primeiras notícias e só me rendi ante a evidência incontestável dos fatos. Não poderia trazer a este Congresso todos os fatos minuciosamente analisados no relatório da Comissão Científica Internacional mas quero aproveitar este grande Congresso dos Povos para expor alguns dos elementos que estabeleceram de modo inequívoco o monstruoso crime da guerra bacteriológica.

Após dois meses de estudo na China e na Coreia, chegou a Comissão à conclusão de que os povos da Coreia e da China foram vítimas de repetidos ataques bacteriológicos realizados por unidades dos Estados Unidos. Foram utilizados vários métodos de ataque e vários germes para determinar epidemias, doenças dos animais e pragas das plantas.

O carbúnculo é uma doença dos animais que raramente ataca o homem. Em geral o homem só se infecta quando lida com carcaças ou peles de animais que morreram de carbúnculo. No homem o carbúnculo começa com uma lesão da pele (pustula maligna) podendo também, excepcionalmente, haver infecções através das vias respiratórias. Os casos que observamos na Coreia apresentavam as seguintes características anormais:

Infecção sempre por via respiratória.
Ausência da lesão da pele (pustula maligna).
Invasão do sistema nervoso determinando a meningite hemorrágica carbunculosa e, infalivelmente, a morte.

A doença atingia indivíduos que não tinham tido contacto com animais.

Esse tipo de meningite é extremamente raro. Na literatura médica foi assinalado um único caso em 10 anos (1940-1951). Nesse mesmo caso havia a lesão da pele. Como se infectaram, então, esses indivíduos?

Todos faziam parte de equipes antiepidêmicas que saíram ao campo para exterminar moscas, coleópteros e penas lançados pelos americanos. Tendo negligenciado o uso de máscaras e luvas, se infectaram. O exame bacteriológico dos insetos e das penas mostrou que estavam contaminados por esporos do bacilo do carbúnculo.

Transcrevemos o bem conhecido tratado de bacteriologia de Zinssor: («Text-book of bacteriology — 9a. edição»), pag. 550, o seguinte: «Em conexão com os trabalhos sobre a guerra bacteriológica, Zelle e seus colaboradores (1946) isolaram variantes especialmente adaptadas à invasão das vias respiratórias».

Esta citação se refere a quatro extensos trabalhos publicados pelos cientistas do campo fechado de Dieckrick, no «Journal of Infectious Diseases», editado pela Universidade de Chicago, vol. 79 de 1946. Num desses artigos há mesmo um desenho de laboratório onde os animais de laboratório são submetidos à infecção por via respiratória.

Nos casos observados a doença evoluiu quase sem apresentar sintomas nas primeiras horas, para logo após fulminar o paciente, antes de ser qualquer medicação curativa.

Numa ocasião em que discutimos a guerra bacteriológica perante numerosos cientistas e médicos franceses, um deles, do Instituto Pasteur, disse que não podia acreditar em guerra bacteriológica baseada na disseminação de microbios de doenças, como o carbúnculo, que se cura facilmente pela terapêutica moderna.

Como cientista honesto ele só considerou os casos normais da doença, esquecendo os casos por nós estudados pareciam antes uma nova moléstia: os bacilos tinham sido selecionados para uma nova via de penetração e sua virulência artificialmente aumentada.

O emprego do bacilo do carbúnculo na guerra bacteriológica se explica pela sua alta resistência e seu poder infeccioso para numerosos animais. Eis o que dizem Rosebury e Kabot no «Journal of Immunology», vol. 56, pag. 7196: «O bacilo do carbúnculo é uma das bactérias sobre as quais se fizeram os estudos mais completos; suas propriedades particulares lhe permitem tornar-se um dos instrumentos mais aptos para ser utilizados na guerra».

Como é bem conhecido, os esporos do carbúnculo resistem durante dezenas de anos (quando no solo), dando lugar às «terras malditas». Os cientistas chineses isolaram dez amostras do germe de moscas, de coleópteros e de penas que tinham os mesmos caracteres biológicos. Isto mostra que houve disseminação de uma só raça, a mesma encontrada nas vísceras dos cadáveres.

Poder-se-ia pensar talvez que o carbúnculo respiratório, ao contrário do que se observa no resto do mundo fosse comum na China. Ora em milhares de autópsias, cerca de 7.000 realizadas nos últimos vinte anos nos hospitais de Changai, Pequim e Mukden não foi registrado caso algum de carbúnculo pulmonar ou de meningite hemorrágica carbunculosa.

Colera

O conhecido bacteriologista americano Longmuir no «Public Health Reports», n.º 66 diz que um dos processos da guerra bacteriológica é a contaminação das águas de abastecimento. Ele observa que as águas potáveis foram o veículo das mais terríveis e mortíferas epidemias de colera, febre tifóide, disenterias, etc.

Tal método de guerra bacteriológica foi aplicado, sendo utilizados os estudos japoneses sobre o cultivo do bacilo da colera em ostras. Os estudos de Tayama (1929) e Tanigawa (1943) mostraram que as ostras são um meio excelente para o cultivo da colera, permitindo em poucos dias uma multiplicação por um fator de 5.000.

Em Dai Dong foram encontrados, perto do reservatório de água, ostras do gênero Meretrix com este germe. Na noite precedente a usina de depuração da água foi destruída por aviões americanos, num bombardeio de extrema precisão em que foram intencionalmente poupadas as máquinas elevatórias e os reservatórios. Na noite seguinte um outro avião voou sobre o depósito procurando deixar cair na água ostras contaminadas. Devido à escuridão da noite

e ao forte vento as ostras caíram nas colinas vizinhas. Logo depois camponeses acharam as ostras e as comeram cruas. Faleceram poucas horas depois, vítimas da cólera.

Na mesma região foram encontrados outros pacotes de ostras que, submetidas à análise bacteriológica, ficou constatada a presença do vibrão da cólera.

A água contaminada desta forma pelas ostras se mantém infecciosa durante cerca de um mês.

Peste

A peste pode ser disseminada por pulgas ou ratos. Em Kan-Nam (China) foram lançados ratos pestosos; na Coreia foram lançadas pulgas infectadas.

Em Hai-Yang (Coreia) era tão densa a massa de pulgas, que o solo se mostrava enegricido pelos insetos. Tivemos ocasião de examinar as pulgas e verificamos serem pulgas de homens (pulex irritans). As provas bacteriológicas revelaram que as pulgas estavam infectadas pelo bacilo da peste. A biologia desta espécie de pulga mostra que não é possível encontrá-las em grande número longe da habitação humana e, no caso em apreço, havia cerca de 100.000 pulgas. Ora, poucas horas an-

tes um avião americano sobrevoara o lugar.

Em outros lugares da Coreia passaram-se casos idênticos seguidos de epidemias de peste de evolução anormal, alcançando a mortalidade mais de 70 por cento dos doentes. A evolução da moléstia era particularmente rápida, não permitindo o aparecimento dos clássicos bubões.

Virus

Ouve-se dizer que seria ridículo supor que os americanos utilizassem métodos obsoletos de disseminação de bactérias por insetos, deixando de lado os processos mais eficientes como os de disseminação de vírus e toxinas por meio de aerossóis (nuvens de pequenas gotas de água contendo germes). Na realidade, as experiências dos japoneses demonstraram que as pulgas são muito eficientes na disseminação da peste.

A Comissão não pôde provar de modo categórico que houve emprego de aerossóis na Coreia. Contudo, não faltam indícios de sua utilização. Trata-se dos resultados dos estudos de casos de encefalite ocorridos perto de Mukden, cuja explicação mais pausível é o lançamento de aerossóis contendo vírus.

Os estudos realizados pelos americanos demonstraram que as gotículas maiores dão lugar a infecções intestinais, enquanto as menores penetram nos pulmões e passam ao sangue. Tais estudos foram feitos por Leif e Krueger, Schremeister e colaboradores. Foram estudados aparelhos para o lançamento de nuvens de aerossóis carregados de Streptococcus e de vírus Tipo A da influenza. As experiências descritas fo-

ram feitas com animais de laboratórios e publicadas no «Journal of Infectious Diseases», vol. 87, 1950.

A Comissão verificou que a forma de encefalite de Mukden diferia das formas até então conhecidas. Não foi possível explicar a epidemia por transmissão da moléstia de doente a outro por contacto direto ou indireto. O início brusco da epidemia, a sua curta duração, a virulência extrema do germe e a forma anormal da doença, anteriormente desconhecida na região, pareceriam inexplicáveis se não fora o registro cronológico das incursões da aviação americana sobre a região.

Estas conclusões são de resto confirmadas pelas confissões dos aviadores americanos capturados que revelam os planos de utilização dos vírus da encefalite e descreveram o aparelhamento especializado dos aviões destinados a lançar nuvens de aerossóis.

Pasteurella Multocida

A guerra bacteriológica também foi estendida aos animais. Os bacteriologistas chineses e coreanos isolaram, de insetos lançados dos aviões, uma bactéria semelhante à da peste do homem e capaz de produzir doenças nas aves, a Pasteurella Multocida.

Também neste terreno os estudos sistemáticos de laboratório prepararam a criminosa aplicação, como se desprende do trabalho de Rosebury, Kabot e Boldt publicado no «Journal of Immunology» vol. 56, Maio de 1947. A mortalidade das aves pode exceder de 70 por cento.

É para mim particularmente doloroso, em minha qualidade de biólogo, ver a grande ciência de Pasteur desonrada e desvirtuada de sua nobre finalidade. Minha consciência e homem que vive para a ciência impõe o dever de confessar-vos que estou profundamente convencido de que o exército dos Estados Unidos utilizou a arma bacteriológica na Coreia e no Nordeste da China. A bacteriologia criada para salvar a vida dos homens e dos animais é utilizada para o extermínio em massa. É a própria existência do gênero humano que está ameaçada.

Que o horror da guerra bacteriológica sirva de incentivo ainda maior a todos os homens dignos desse nome para que os criminosos inimigos do gênero humano sejam desarmados.

Interdição Imediata da Guerra Biológica

«Ouvimos os relatórios sobre o emprego da arma bacteriológica feitos por eminentes especialistas de diversos países que estiveram na Coreia e na China. Profundamente emocionados por esses relatórios, exigimos de maneira categórica a interdição imediata da guerra biológica e a adesão de todos os Estados ao Protocolo de Genebra de 1925. As grandes realizações da ciência, não devem ser um meio de destruir milhões de seres humanos sem defesa. Exigimos ao mesmo tempo a interdição absoluta das armas atômicas, químicas e outras armas de extermínio das populações civis».

(Do apelo do Congresso dos Povos pela Paz).

A BOMBA

Tem a forma cilíndrica com uma das extremidades arredondada. Frágil como a casca de um ovo, somente se abre depois de chocar-se contra o solo, sem contudo explodir. Nesse momento, se transforma em pequenos fragmentos deixando escapar do seu interior a carga infectada.



A CONSEQUÊNCIA

O exame de vísceras de algumas vítimas da guerra microbiana revelou que elas sucumbiram atacadas pelo bacilo de carbúnculo, especialmente selecionado para atacar as vias respiratórias. A doença evoluiu rapidamente e os antibióticos de nada valem. A morte é fulminante.



O INQUERITO

A Comissão Internacional de Cientistas examinou todos estes fatos. Comprovou que os americanos empregam a guerra microbiana na Coreia e na China. Concluiu que há uma ameaça pairando sobre todo o gênero humano. A proibição da guerra bacteriológica é uma exigência da humanidade.



1 Num comício, os camponeses são esclarecidos sobre os objetivos da reforma agrária.



2 A milícia popular, formada por camponeses, prende um latifundiário que os explorava.



3 Uma mulher camponesa acusa o latifundiário, que lhe faz descrever os seus crimes.



4 O Tribunal Popular realiza imediatamente uma sindicância em torno da vida do latifundiário.



5 Com 60 anos de vida, o velho camponês exclama: é a primeira vez que tenho um boi.



6 Ela vai, altiva e feliz, tomar posse do pedaço de terra que tocou à sua família.

420 MILHÕES DE CAMPONESES CONQUISTAM A TERRA

O NASCIMENTO de trigêmeos numa família camponesa não é brincadeira. Por isso não foram recebidos com alegria os três vigorosos rebentos que chegaram juntos, no nono dia da décima-segunda lua, ao lar de Feng-Ching, morador na aldeia do monte Tsuichia. Pai e mãe estavam francamente contrariados.

A notícia espalhou-se por toda a vizinhança. Feng e a sua mulher agradeciam polidamente as felicitações dos vizinhos. Mas estavam tristes. Eles recordavam como, antes da libertação, a família de Tchiang-Tsung-li, que vivia na aldeia vizinha, foi aumentada com sete filhos que nasceram um depois do outro e que terríveis problemas surgiram por isso. Recordavam que Chang-Ting-siang, de sua própria aldeia, teve que dar um menino por não poder mantê-lo.

E' verdade que, agora, as coisas estavam mudadas. Feng e sua mulher viviam muito melhor que naquele tempo. Eles receberam um bom pedaço de terra com a reforma agrária. Mas o velho pai de Feng, com seus 70 anos, já não podia mais trabalhar. E ainda havia as crianças, muito pequenas para irem trabalhar. E os trigêmeos eram mais três bocas para alimentar. Além disso, a mãe não tinha leite suficiente para os três. E uma pergunta roia os miolos de Feng: — Que será de nós? Será uma boa coisa ou má coisa ter trigêmeos na nova sociedade?

— Que será de nós? Será uma boa coisa ou má coisa ter trigêmeos na nova sociedade?

A VACA E O DISCURSO DA MULHER DE FENG

Estava assim, matutando sobre seus problemas, o camponês Feng quando chegou a resposta à sua grave pergunta. A nova sociedade não tardou em se fazer presente em seu lar, mostrando-lhe o que é a reforma agrária em toda a extensão da palavra, o que é na verdade o novo regime.

Uma comissão da Federação de Mulheres chegou a casa da família Feng-ching. As mulheres trouxeram uma petição escrita num pergaminho de seda, um saco de arroz e uma peça inteira de fio e meião para para as roupinhas dos trigêmeos. Trouxeram mais a feliz notícia de que o Governo Popular Provincial decidiu apresentar a família com uma vaca. Essa é que foi a grande e maravilhosa notícia. A vaca era algo mais sensacional que os próprios trigêmeos. Quando Feng a trouxe à sede do Conselho vinha acompanhado por um cortejo formado de toda a garotada da aldeia. A família inteira reuniu-se em torno da vaca. E iam. Ninguém podia falar. Era só abrir a boca e saía uma risada.

— Conta como é que foi, pediam todos.

420 MILHÕES RECEBERAM A TERRA

A família de Feng não é um caso isolado. Toda aquela vida nova começou com o início da reforma agrária que não lhe deu apenas um pedaço de terra, mas a dignidade

de ser humano, apóio e solidariedade em vez da antiga opressão e exploração, modificou a vida da aldeia onde surgiram organizações de mulheres, de jovens, o tribunal popular a milícia popular. Em fins de 1952 a reforma agrária estava praticamente terminada. 420 milhões de pessoas, oito vezes a população de todo o Brasil, tinham recebido a terra.

Antes da vitória sobre os latifundiários de Chiang Kai Chek e os imperialistas americanos, antes da proclamação da República Popular, a reforma agrária foi sendo feita em algumas zonas libertadas, atingindo uma população de 120 milhões de pessoas. Depois da vitória, em junho de 1950 foi promulgada a lei de reforma agrária. Três anos depois o trabalho estava terminado.

47 milhões de hectares de terras de cultivo foram confiscadas e requisitadas. Os camponeses receberam gado,

breviveram. E agora tenho boa alimentação em casa e esta magnífica vaca para que possa dar-lhes leite.

casas, instrumentos agrícolas, cereais.

Antes da reforma agrária 70% dos camponeses da China eram muito pobres, tinham pouca terra, não tinham terra nenhuma. Passavam fome. E tinham que dar os filhos como pagamento a Chang-Ting-ling. Eram explorados pelos grandes latifundiários que lhe tomavam tudo o que podiam. Os latifundiários eram apenas

de ser humano, apóio e solidariedade em vez da antiga opressão e exploração, modificou a vida da aldeia onde surgiram organizações de mulheres, de jovens, o tribunal popular a milícia popular. Em fins de 1952 a reforma agrária estava praticamente terminada. 420 milhões de pessoas, oito vezes a população de todo o Brasil, tinham recebido a terra.

Antes da vitória sobre os latifundiários de Chiang Kai Chek e os imperialistas americanos, antes da proclamação da República Popular, a reforma agrária foi sendo feita em algumas zonas libertadas, atingindo uma população de 120 milhões de pessoas. Depois da vitória, em junho de 1950 foi promulgada a lei de reforma agrária. Três anos depois o trabalho estava terminado.

47 milhões de hectares de terras de cultivo foram confiscadas e requisitadas. Os camponeses receberam gado,

casas, instrumentos agrícolas, cereais.

Antes da reforma agrária 70% dos camponeses da China eram muito pobres, tinham pouca terra, não tinham terra nenhuma. Passavam fome. E tinham que dar os filhos como pagamento a Chang-Ting-ling. Eram explorados pelos grandes latifundiários que lhe tomavam tudo o que podiam. Os latifundiários eram apenas

de ser humano, apóio e solidariedade em vez da antiga opressão e exploração, modificou a vida da aldeia onde surgiram organizações de mulheres, de jovens, o tribunal popular a milícia popular. Em fins de 1952 a reforma agrária estava praticamente terminada. 420 milhões de pessoas, oito vezes a população de todo o Brasil, tinham recebido a terra.

Antes da vitória sobre os latifundiários de Chiang Kai Chek e os imperialistas americanos, antes da proclamação da República Popular, a reforma agrária foi sendo feita em algumas zonas libertadas, atingindo uma população de 120 milhões de pessoas. Depois da vitória, em junho de 1950 foi promulgada a lei de reforma agrária. Três anos depois o trabalho estava terminado.

47 milhões de hectares de terras de cultivo foram confiscadas e requisitadas. Os camponeses receberam gado,

casas, instrumentos agrícolas, cereais.

Antes da reforma agrária 70% dos camponeses da China eram muito pobres, tinham pouca terra, não tinham terra nenhuma. Passavam fome. E tinham que dar os filhos como pagamento a Chang-Ting-ling. Eram explorados pelos grandes latifundiários que lhe tomavam tudo o que podiam. Os latifundiários eram apenas

de ser humano, apóio e solidariedade em vez da antiga opressão e exploração, modificou a vida da aldeia onde surgiram organizações de mulheres, de jovens, o tribunal popular a milícia popular. Em fins de 1952 a reforma agrária estava praticamente terminada. 420 milhões de pessoas, oito vezes a população de todo o Brasil, tinham recebido a terra.

Antes da vitória sobre os latifundiários de Chiang Kai Chek e os imperialistas americanos, antes da proclamação da República Popular, a reforma agrária foi sendo feita em algumas zonas libertadas, atingindo uma população de 120 milhões de pessoas. Depois da vitória, em junho de 1950 foi promulgada a lei de reforma agrária. Três anos depois o trabalho estava terminado.

47 milhões de hectares de terras de cultivo foram confiscadas e requisitadas. Os camponeses receberam gado,

casas, instrumentos agrícolas, cereais.

Antes da reforma agrária 70% dos camponeses da China eram muito pobres, tinham pouca terra, não tinham terra nenhuma. Passavam fome. E tinham que dar os filhos como pagamento a Chang-Ting-ling. Eram explorados pelos grandes latifundiários que lhe tomavam tudo o que podiam. Os latifundiários eram apenas

de ser humano, apóio e solidariedade em vez da antiga opressão e exploração, modificou a vida da aldeia onde surgiram organizações de mulheres, de jovens, o tribunal popular a milícia popular. Em fins de 1952 a reforma agrária estava praticamente terminada. 420 milhões de pessoas, oito vezes a população de todo o Brasil, tinham recebido a terra.

Antes da vitória sobre os latifundiários de Chiang Kai Chek e os imperialistas americanos, antes da proclamação da República Popular, a reforma agrária foi sendo feita em algumas zonas libertadas, atingindo uma população de 120 milhões de pessoas. Depois da vitória, em junho de 1950 foi promulgada a lei de reforma agrária. Três anos depois o trabalho estava terminado.

47 milhões de hectares de terras de cultivo foram confiscadas e requisitadas. Os camponeses receberam gado,

OS LATIFUNDIÁRIOS DE TRÊS QUARTAS PARTES DAS TERRAS DE CULTIVO DO PAÍS — AS UNIÕES CAMPONESES E OS TRIBUNAIS POPULARES — UM REGIME DE ABUNDÂNCIA E FELICIDADE

Texto de ISA AKCELROUD

de ser humano, apóio e solidariedade em vez da antiga opressão e exploração, modificou a vida da aldeia onde surgiram organizações de mulheres, de jovens, o tribunal popular a milícia popular. Em fins de 1952 a reforma agrária estava praticamente terminada. 420 milhões de pessoas, oito vezes a população de todo o Brasil, tinham recebido a terra.

REFORMA AGRÁRIA NÃO SE FAZ POR DECRETO

Há pessoas ingénias que pensam que basta um decreto do governo para que seja feita a reforma agrária. Quem examina a vida e cada dia na nova aldeia chinesa verifica logo que o decreto do governo é apenas o princípio. A reforma agrária não é feita por decreto. É feita pelos próprios camponeses.

Perguntai a Feng, um dos 20 milhões que receberam terra, que ele vos conta. O decreto diz tudo o que se pode e deve fazer. Mas é preciso haver quem faça isso. Bem, existem os camponeses pobres. Sim, mas é preciso organizar os camponeses pobres.

O Partido Comunista e o governo ajudaram os camponeses pobres a se organizarem. Mandaram para as aldeias centenas e milhares de homens qualificados para isso. Eram as «brigadas agitadoras». Essas brigadas reúnem os camponeses em comícios e conferências, explicavam o que é a reforma agrária, denunciavam as tentativas dos latifundiários, os latifundiários não entre a terra enquanto podem pamborar. Organizavam primeiro os camponeses pobres e os trabalhadores braçais os quais se uniam em seções os camponeses médios. Assim nasceram as Uniãos Camponesas. Mais tarde, até os camponeses

A DISTRIBUIÇÃO DA TERRA

Mas a coisa continua. É preciso agir com justiça e equidade. A União Camponesa faz o balanço das terras

os aderiram. Os latifundiários ficaram completamente isolados.

As terras confiscadas e requisitadas foram postas à disposição das Uniãos Camponesas, os organismos que executam a reforma agrária.

O POVO FAZ JUSTIÇA

Como é que age uma União Camponesa? A primeira coisa que uma União Camponesa faz é convocar tantas assembleias quantas seja preciso. Aí é que os camponeses abrem o peito, contam todos os sofrimentos e amarguras, denunciam os crimes dos latifundiários.

Imaginal uma assembleia dessas, os camponeses falavam livremente, no Triângulo Mineiro, nas terras das fazendas dos ingleses, no norte do Paraná ou os posseiros expulsos a bala pelo governo, nos latifúndios de São Paulo e assim por diante — assim teréis uma idéia do que os Feng e Chang e suas mulheres disseram nas suas Uniãos Camponesas.

Como o governo é dos camponeses e não dos latifundiários, pois sem isso não pode haver reforma agrária, o governo instala imediatamente os Tribunais Populares. Diante dos Tribunais Populares os latifundiários são julgados por seus crimes, principalmente os mais despiticos e os que mais influência tiveram no governo dos ricos contra os pobres. O povo faz justiça.

Isso não quer dizer que todo latifundiário deve ser mandado para o outro mundo. Não. O principal castigo para esses parasitas é que eles têm que viver do seu trabalho. Em geral recebem um pedaço de terra, como todos os demais, e são convidados a viver como pessoas honestas. Se não aceitarem, naturalmente terão que arcar com as consequências.

As Uniãos Camponesas, portanto, despertam a consciência política, a consciência de seus direitos, da justiça e da necessidade da reforma agrária em milhões de camponeses. Os mais destacados, mais ativos e capazes tornam-se ativistas, ajudam as «brigadas agitadoras» que terminada sua tarefa, podem ir para outra aldeia porque o assunto fica em muito boas mãos, fica nas mãos dos próprios camponeses.

A DISTRIBUIÇÃO DA TERRA

Mas a coisa continua. É preciso agir com justiça e equidade. A União Camponesa faz o balanço das terras

ras existentes, dos estoques de gado roubados aos camponeses com os arrendamentos escorchantes, do gado e dos instrumentos agrícolas, das casas, de tudo. Depois dos cálculos e do exame cuidadoso das necessidades e da situação de cada um de cada família, é que é feita a distribuição geral. Isso leva uns dois meses.

Nesse meio tempo, multiplicam-se os comícios e assembleias. Surgem os jornais murais. Começam a viver os cursos intensivos de alfabetização. Chegam notícias de outros lugares. Uma vida nova, rica de interesse coletivo anima todos os corações.

Feita a distribuição, começa uma nova luta. É a luta contra os boaios mentirosos dos latifundiários e seus agentes que tudo fa-

Antes da Revolução



Reduzidos à miséria pelos latifundiários, os camponeses tinham que entregar até os animais domésticos aos cobradores de impostos.

Depois da Revolução



Se a família aumentou o camponês não tem por que se preocupar com aumento de despesas. O poder popular, lhe dá mais uma vaca.



O Comitê dirigente da União Camponesa faz um cálculo cuidadoso e um minucioso estudo para realizar uma justa distribuição da terra.

zarem para levar a reforma agrária ao fracasso. É a luta contra a sabotagem, o crime e o assassinato a que se entregam os latifundiários, contra as medidas in-

justas em nome da reforma agrária, pois muitos elementos fideis ao latifúndio conseguem às vezes infiltrar-se nas Uniãos Camponesas. Para proteger a propriedade dos camponeses são criadas as milícias populares, formadas pelos próprios camponeses. Só depois disso é que a «brigada» vai embora. Mas ela volta, decorridos uns seis meses. Verifica, então, se a reforma agrária foi inteiramente executada, se as terras, casas, gado e instrumentos agrícolas foram distribuídos equitativamente, ajuda a resolver as questões que ficaram em suspensão e corrige

Para Isso é Preciso Mudar o Regime

O primeiro resultado é que 30 milhões de toneladas de produtos agrícolas que iam para os latifundiários ficam logo nas mãos dos camponeses. Acabam de golpe com a maior causa da fome e da penúria. O segundo resultado é que a produção aumenta. Só a colheita de algodão, por exemplo, foi duas e meia vezes maior no segundo ano da reforma agrária do que em 1949. O terceiro resultado é que os camponeses podem comprar coisas produzidas na indústria das cidades, roupas, instrumentos, livros, remédios, adubos, etc. Todo o país avança.

Está se vendo que a reforma agrária é feita pelos próprios camponeses. É defendida, mantida e desenvolvida pelos próprios camponeses. A justiça passa a servir aos camponeses. As leis são a favor dos camponeses e contra os latifundiários. De outro jeito não há reforma agrária. É claro que para que tudo isso seja possível é necessário que haja uma mudança muito séria. Não basta que saia um presidente e entre outro. No Brasil, já vimos como saiu Dutra e entrou Getúlio com suas promessas de reforma agrária e tudo continua na mesma. Não basta pois que mudem os homens de governo, é indispensável que haja uma mudança no regime. É indispensável que em lugar do regime em que mandam os latifundiários e os americanos surja um regime em que mande o povo, os brasileiros. Esse novo regime se chama democracia popular. É por um regime de democracia popular que lutam mais de 80 milhões de camponeses brasileiros.



É dia a dia os velhos e antiquados instrumentos, vão sendo substituídos. Aqui está em plena ação um trator «Stalin 80» de grande força. Camponeses de várias partes da China vieram examiná-lo na fazenda estatal de Lutai, na província de Heilongjiang.

Grandiosos Êxitos da Economia Soviética em 1952

ACABA de ser publicado o balanço da execução do plano estatal de desenvolvimento da economia nacional da U.R.S.S. em 1952. O balanço referente a esse ano, apresenta-nos os progressos da indústria, da agricultura e dos transportes, os grandes trabalhos de construção, o desenvolvimento do comércio e a elevação do nível da vida material e cultural do povo soviético.

PODEROSO DESENVOLVIMENTO DA PRODUÇÃO

Nesse importante balanço, constata-se que o plano estatal da produção global foi realizado em 101% em toda a indústria. Em relação ao ano anterior, a produção industrial global aumentou de 11%. O crescimento da produção neste ritmo torna evidente que o gigantesco plano quinquenal da URSS será completado muito antes do tempo previsto, como já vem sucedendo com os anteriores.

O esforço hercúleo dos trabalhadores soviéticos, o seu alto nível de desenvolvimento cultural, a emulação socialista, o constante aperfeiçoamento da técnica, tornaram possível à indústria de construção de maquinaria criar, semente em

1952, cerca de 600 novos tipos e marcas de máquinas e mecanismos muito importantes.

Em fins de 1952, o número total de máquinas combinadas e de máquinas perfuradoras comandadas à distância se eleva a quase 2 mil e o de faixas metálicas transportadoras, a mais de 1.620. Foram dotados de comando automático, todos os grupos de máquinas das centrais elétricas em funcionamento.

Mas, na agricultura houve enormes êxitos também. A produção de trigo foi a maior do mundo. A produção total de cereais aumentou grandemente e o número de cabeças de gado foi sensivelmente acrescido, tendo a produtividade da criação aumentado.

AUMENTA O NÍVEL MATERIAL E CULTURAL DO POVO

Em consequência se eleva o nível material e cultural dos trabalhadores. Enquanto nos países capitalistas mais da metade da renda nacional é monopolizada pelos exploradores, donos das empresas, na URSS toda a renda pertence aos trabalhadores.

Só nas localidades rurais foram construídas 370 mil residências e, devido a quinta redução de preços ocorrida em abril, o povo comprou muito mais mercadorias que no anterior — mais 10% de carne; leite e laticínios 17% mais; roupa, mais 11%, etc.

Em todos os estabelecimentos da U.R.S.S. trabalham 41.700.000 empregados — 900 mil mais que no ano anterior e o número de estudantes de curso superior é de 1.442.000 — mais 85 mil que em 1951...

A SOLIDEZ DA ECONOMIA DA URSS, ESTÍMULO AOS POVOS

Enquanto em todos os países do capital — também no Brasil — se acentua o empobrecimento relativo e absoluto dos trabalhadores, o que se vê na URSS é o povo com um nível de vida cada vez mais elevado.

A verdade sobre o poderoso e contínuo ascenso da economia de paz na União Soviética exerce uma forte influência sobre o nosso povo e o estimula na luta pela conquista da liberdade e da independência sobre o nosso povo e o espela democracia popular, para o socialismo.



De dezembro até 3.ª feira p.p., piquetes como este desfilaram diante da Casa Branca pedindo clemência para os Rosenberg.

ASSASSINATO EM NOME DA GUERRA FRIA

COMO JULIUS E ETHEL ROSENBERG RECEBERAM A NOTÍCIA DA DATA PARA SUA ELETROCUSSÃO

Foi na manhã de 22 de novembro de 1952 que o chefe dos guardas de Sing-Sing, o «Principal Keeper», como é nomeado oficialmente, P. K. como é conhecido nos corredores da sinistra prisão, lhes comunicou que seriam fulminados na cadeira elétrica, na semana a iniciar-se a 12 de janeiro de 1953.

Ele se dirigiu primeiro à cela de Julius Rosenberg. Sua presença interrompeu as exclamações dum homem alto, de expressão jovem, desempenado e faces coradas. Julius estava jogando xadrez e gritava suas jogadas para o contendor invisível da outra cela. Estava em mangas de camisa e usava calças de mescla do fardamento da prisão. Sua voz clara e límpida ecoava pelos corredores lugubres. Era como um fremito, de vida, do transbordante otimismo dos justos e dos inocentes a correr, livre e incalculável, penetrando nas celas por entre as grades frias daquela monstruosa ante-câmara de morte.

O P. K. falou rapidamente como se as palavras da terrível comunicação fossem uma carga demasiado pesada para ele. A partida de xadrez interrompeu-se. E no silêncio que se fez parecia desenhar-se a expressão que adquiriu a face jovem e rosada de Julius Rosenberg. O carcereiro afastou-se com pressa inusitada. Nem ele, tão habituado ao crime oficial e ao assassinato legal, pôde enfrentar o olhar do inocente condenado.

O «Principal Keeper» em seguida dirigiu-se à estrada de ferro que conduz ao cubículo onde está Ethel. Ouvia-a cantar. Depois de interromper a voz firme e cheia do homem, ia cortar a canção na voz doce e mansa da mulher. Antigamente Ethel cantara num coro de amadores. E os trechos de sinfonias e óperas foram um consolo para ela na seção feminina dos condenados à morte onde está confinada. Mais tarde a mulher de guarda disse ao P. K. que, naquele dia e naquele momento, Ethel Rosenberg estava cantando uma canção de n.º ar de Brahms, a favorita de seus filhos. Ethel embalava os filhos, de longe, sem vélos, sem poder tocar suas cabeças abandonadas do carinho materno. Ela deve ter pressentido o que lhe trazia o rumor daqueles passos duros, pesados. Porque a canção se interrompeu de repente como se tivesse sido cortada por um gume invisível.

Quando o chefe dos guardas chegou diante de sua cela, Ethel estava agarrada às grades com ambas as mãos e seu rosto se apertava entre os varões de ferro. O guarda não se moveu, não disse palavra. Quando se afastou deixou Ethel na mesma posição. Quando o P. K. narrou o episódio ao advogado dos Rosenberg parecia emocionado, pois disse, como quem muda de assunto:

— Ela é tão pequenina Sim, não deve ter mais do que metro e meio de altura...

Até os guardas apreciavam os Rosenberg. Dentro e fora da prisão, dentro e fora dos tribunais, no interior dos muros tétricos de Sing-Sing como em todo o mundo, todos sabem que os Rosenberg são inocentes. Não há êsse, mesmo os que esbravejam e espumam mentiras contra eles como o juiz Kaufman, que não saiba que os Rosenberg são inocentes. Não entra na cabeça de nenhu-

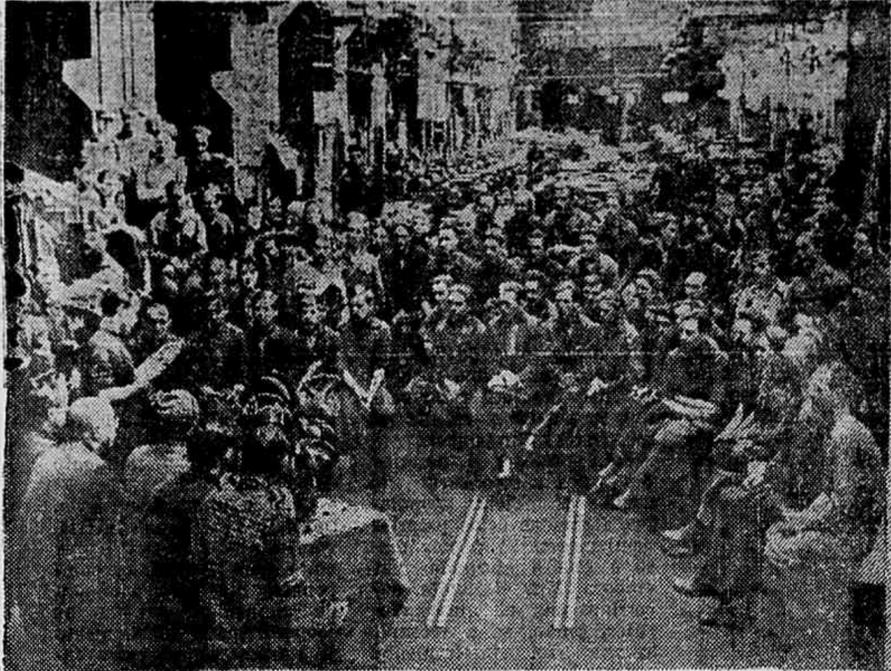
ma pessoa normal que alguém possa — e isso indiretamente — guardar de cor a fórmula da bomba atômica. Todos compreendem que essa condenação é um monstruoso crime da guerra fria. Ilse Koch, a besteira de Buchenwald, a canibal que fazia abajures com a pele dos judeus assassinados no campo de concentração, essa foi libertada pelos americanos. Por que condenam os Rosenberg? Porque precisam de vítimas para o Moloch da bomba atômica, para alimentar a histeria guerreira. O juiz Kaufman, também judeu mas a serviço da mesma causa da nazista Ilse Koch, condenou-os por um crime que nem sequer figura nos autos — no seu delírio de inimigo do ser humano, de juiz dos monopólios, acusou o jovem casal de ser responsável pela guerra da Coreia.

— Como outros, pedimos a paz... Foi o que responderam os Rosenberg. A notícia trágica trazida pelo «Principal Keeper» chegou depois que eles curtiram 660 dias e noites na cela de morte de Sing-Sing. Este era mais um momento grave e importante. Não podiam dar a menor demonstração de desespero, de falta de fé e confiança. Pois eles sabem que as pessoas honradas de todo o mundo lutam para salvá-los da morte.

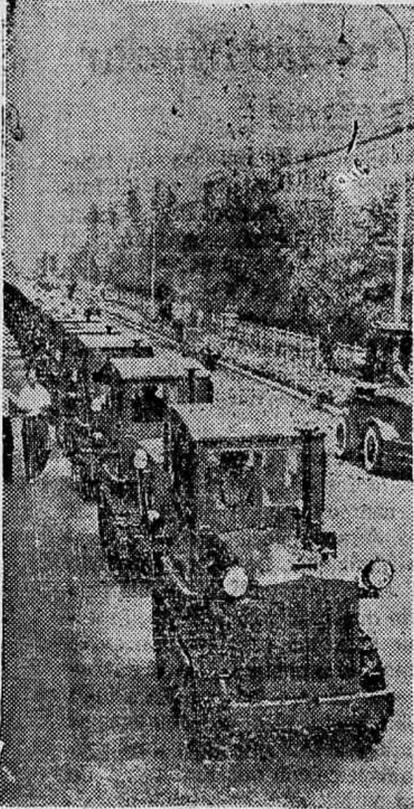
Aquela fé e aquela firmeza não foram traídas pela solidariedade mundial. O aviso do chefe dos guardas não se cumpriu. O clamor dos povos pôde impedir até aqui a consumação do crime. A execução da pena acabou sendo suspensa até 30 de março de 1953 para que o advogado tenha tempo de providenciar a reabertura do processo. Truman não soube aproveitar a oportunidade dum gesto humano no fim de seu governo de guerra e sangue. Não lhes concedeu clemência. Seu sucessor Eisenhower, mesmo diante dum pedido do Papa, não lhes concedeu clemência. A suspensão temporária da execução da pena de electrocussão foi, portanto, o fruto da firmeza dos Rosenberg, o primeiro resultado prático da crescente solidariedade internacional que multiplica a ação do próprio povo americano em defesa dos inocentes.

Os Rosenberg precisam, devem ser salvos da cadeira elétrica. A opinião mundial não admite que com eles se repita o drama de Sacco e Vanzetti, cuja inocência foi reconhecida depois da execução. Não, não queremos a justiça tardia e sem efeito para as cinzas dos Rosenberg. Justiça agora, para os vivos e não para os mortos. Podemos impedir que os lúgubres traficantes da bomba atômica caem para sempre os dois inocentes, antes que eles possam fulminar a intriga sórdida e sangrenta. O pedido de clemência não é feito de joelhos mas é o meio de proporcionar aos Rosenberg as condições que eles não têm em Sing-Sing, de provar sua inocência, de destruir a farsa ignóbil e monstruosa.

Portanto, cada um de nós é parte nesse processo, pois se trata da paz e da guerra. Multipliquemos agora os protestos junto ao governo americano, sua erbaixada e seus consulados em todo o Brasil, exigindo que seja respeitada a vida dos Rosenberg para que eles possam usar do direito humano de provar sua inocência e cuidar de seus filhos.



Em todas as empresas da URSS realizaram-se reuniões para debater o projeto de diretivas do XIX Congresso do Partido Comunista nas quais os operários e engenheiros se comprometem a elevar a produção e melhorar sua qualidade. No clichê uma reunião na oficina de montagem «Krasni Proletari».



Uma nova partida de tratores KD-35, destinados às estações de máquinas e tratores e às obras do comunismo, atravessam o pátio da fábrica para serem transportados por estrada de ferro.



Semión Rudenko, presidente do Colcós «Míchurin», na Ucrânia, sob cuja direção o Colcós introduz brilhantemente na agricultura os adiantamentos da ciência agrônoma soviética.

PORTUÁRIO NÃO DÁ O PESCOÇO À CANGA

Como vivem e lutam os trabalhadores do Pôrto

Margando a Baía de Guanabara, ao longo de quase 10 quilômetros, estende-se o cais do porto do Rio. Nos seus 26 grandes armazéns, em cujos pátios trabalham 6.300 portuários, movimentam-se dezenas de guindastes e inúmeros veículos.

Lá ao longe, numa ponta do cais, se avista a estação de Arará, à qual se referiu Getúlio num dos seus últimos discursos. Ali, montanhas enormes de ferro e manganês aguardam transporte para as fábricas de máquinas e de armas dos Estados Unidos.

Constroem-se novos armazéns internos e externos. Milhões são gastos na construção do «pier». Amplia-se o cais que vai da Praça Mauá ao Caju. Até as praias onde outrora se banhavam os trabalhadores dos bairros próximos, foram aterradas, entra em ação o conhecido Plano Lafer. Getúlio, de acordo com a Comissão Mista Brasil-Estados Unidos, atrai-se no aparelhamento dos transportes e portos. Com que fim? Com o fim de favorecer o saque das nossas riquezas para abastecer a máquina de guerra yanque.

MAIOR EXPLORAÇÃO E OPRESSÃO

Na história dos transportes de minérios encontra-se uma

das faces da colonização do Brasil. Os imperialistas americanos não expoliam simplesmente os recursos do país. Quem saqueia um povo e lhe toma suas riquezas naturais não tem a menor contemplação com os filhos desse país. Saqueiam as riquezas e exploram miseravelmente os trabalhadores. A medida que se intensifica a exportação de minérios corresponde mais acentuada exploração da classe operária. Não é de admirar, portanto, que os trabalhadores reajam e lutem com vigor, contra a miséria e a fome, pois, eles não estão dispostos a dar o pescoço à canga, a se deixar montar pelos exploradores.

A vida dos trabalhadores do porto é uma vida de lutas. Eles têm de lutar constantemente, contra os que lhes tiram a própria vida. Nesse momento, a sua luta é pelo Abono Provisório. Ganhando em média 60 cruzeiros diários, os portuários encontram dificuldades quando exigem condições de vida mais humanas. E' por isso que eles se encontram em greve após as 16 horas diariamente. Em consequência, acumulam-se os navios no porto e já outros estão próximos a chegar, sem que haja vaga para eles.

PERIGO CONSTANTE

Nesse porto, donde se pode divisar a maravilhosa paisa-

Reportagem de STÊNIO CARVALHO

gem que nos oferece a Baía de Guanabara, o movimento é intensíssimo. Diariamente, entram e saem navios de todos os tipos e tamanhos. Milhares de pessoas embarcam e desembarcam. Outros milhares vão receber os entes caros ou despedir-se deles.

Como é interessante o espetáculo de carregamento e de descarga de navios, aqueles guindastes girando, trazendo as lingadas carregadas de sacos e caixas de mercadorias! Mas, o perigo mora dentro dessa paisagem movimentada. Uma constante ameaça à vida humana está escondida no seio desse panorama.

Aquela lingada, que vem dançando no ar, com 15 sacos de potassa é apurada por alguns homens que a atiram em direção à pilha. Mas, o cimento, a potassa, a soda cáustica, além de prejudicarem a saúde dos portuários que respiram o pó venenoso, vão aos poucos corroendo a corda e a funda. E, um belo dia, a corda se arrebenta e esmaga os trabalhadores. Não foi isso o que aconteceu ao ajudante de feitor que se achava na borda de um vagão carregado de cimento para os Externos, no pátio dos armazém 8 e 9? A lingada em tabuleiro se despregou e ele teve morte horrível! E os trabalhadores perguntam: onde

está a funda que a Administração guardou para inquiri-to? «O trabalhador morreu e a sua família ficou passando fome. Noutra ocasião outro ficou aleijado e a Administração lançou-o à rua, sem dar-lhe indenização de qualquer espécie.

Das escadas dos guindastes, quase empinadas, estreitas e escorregadias, vez por outra despenca e cai ao solo um trabalhador. Das verbas para as despesas do Cais, 10 por cento são para substituir os materiais estragados ou conservá-los. Só procuram consertar a máquina quando ocorre um caso fatal, quando não há mais jeito.

Nesse regime de grandes exploradores, os milhões de cruzeiros arrancados no cais do porto, não são empregados para beneficiar os trabalhadores e sim para dar rendas aos grandes capitalistas que fazem parte do governo. — «Que morram os portuários — diz o governo de Getúlio — porque arranjaremos substitutos no exército de desempregados que perambulam pela ruas.»

GOVERNO — PATRÃO BURGUES

Quem é o patrão dos portuários cariocas? E' o próprio governo de Getúlio, através dos seus administradores. Assim é que quando os trabalhadores exigem aumento de salários e se organizam em suas Associações e União, passam a ser perseguidos. Os que se destacam são demitidos, como ocorreu em 1949 e 50 quando foram postos na rua 26 trabalhadores.

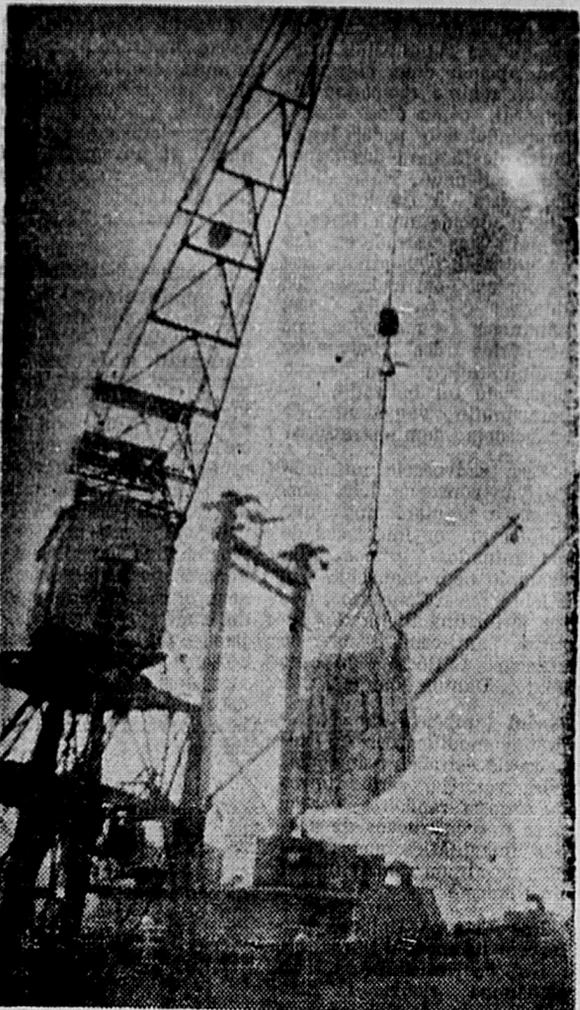
Em virtude de se bater pelos companheiros, na luta que travam atualmente os portuários, foi suspenso o manobreiro Damásio José Cardoso, vice-presidente da União dos Servidores do Porto. Não é assim que procede também a Cia. Docas de Santos, de propriedade dos multimilionários Guinle? Na luta em que se debatem os portuários do Rio, eles exigem a libertação do companheiro suspenso. A greve em que se empenham os portuários é não só pelas conquistas do Abono Provisório mas, também, em solidariedade ao manobreiro.

TÊM DEVERES; DIREITOS NÃO

Os portuários são funcionários públicos, com direitos assegurados aos empregados da União? A declaração do governo de que os trabalhadores do porto são funcionários públicos, não passa de uma invenção do Getúlio-promessa. A situação dos portuários, nesse particular, é idêntica a dos ferroviários das empresas da União — Viação Férrea do R.G. do Sul, Central do Brasil e outras autarquias. Conclusão: todo operário do governo é tratado de forma desigual, diferente dos demais funcionários. São dois pesos e duas medidas: deveres, muitos; direitos, nenhum.

O governo, como quem troca de camisa, suspende o trabalhador sem lhe dar indenização. No porto de Santos, também, os Guinle demitem em massa — cerca de 2 mil foram despedidos nos últimos tempos.

Os portuários cariocas têm apenas um hospital a que podem recorrer. O doente precisa aguardar a vaga na



Cerca de 1.500 quilos é a capacidade desse guindaste. Mas, trabalhando muito tempo sem ser revisado, mesmo carregando mil quilos, ele já constitui um grande perigo para os que ficam sob a lingada. O governo que retira mensalmente dezenas de milhões de cruzeiros do Pôrto, só manda revisar a maquinaria depois que ocorre o desastre.

fila. Embora haja grandes descontos para o IAPM — 8 por cento dos salários — quase ninguém mora em casa do Instituto. Um trabalhador que procurou inscrever-se num conjunto residencial em Irajá ficou decepcionado. Disseram-lhe que as casas eram para os majorais da Administração.

Onde se encontram os «defensores» da família? Será que portuário não deve receber como os demais funcionários, o salário-família, o salário-espósa? Portuário só deve ficar embaixo de lingada? Os portuários do Rio e outros milhares de todo o Brasil, exigem respeito aos seus direitos.

TRADIÇÃO DE LUTAS

Os portuários, em contacto com trabalhadores de todo o mundo, são combativos e conscientes. A crônica do porto do Rio, do de Santos, como de outros portos brasileiros, registra fatos admiráveis de abnegação, de combatividade. Não é simplesmente o aspecto rotineiro do entrar e sair de navios. Alguns fatos quebram essa rotina. Quem não se lembra do que ocorreu ao navio franquista «Cabo de Buena Esperanza» quando arribou ao Rio? Além de se negarem a descarregá-lo, os portuários destracaram-no do cais. Noutra ocasião, quando da prisão dos seus líderes Joaquim José do Rego e Manoel de Carvalho, os portuários da 2ª e 3ª Inspeções entraram em greve geral até a libertação deles. Doutra feita, quando o superintendente quis revogar o direito à rendição dos motoristas em 1949, eles paralisaram também o trabalho. E, hoje eles estão unidos para a greve geral, para enfrentar com decisão a repressão com que Getúlio os ameaça.

VENCER É O LEMA DOS PORTUÁRIOS

As lutas no porto não têm sido em vão, porque são realizadas com unidade e organização. Nada do que foi conseguido até o presente caiu do céu. Tudo foi obtido a poder de lutas.

Quem não se lembra da greve parcial de 9 dias realizada em 1952, das grandes assembleias de três mil ou mais portuários que, muito embora as manobras e a intransigência do governo, redundaram na conquista do enguataramento, efetivação da emergência e dos 100 por cento nas horas extraordinárias?

Com o saldo de vitória e das experiências anteriores, hoje os portuários não se precipitam, eles lutam com calma. E' o que diz um trabalhador do armazém 18: «Depende deles, da Administração do Pôrto, a nossa volta ao trabalho. Se concederem o que desejamos — abono, salário-família, salário-espósa, anulação da penalidade imposta ao companheiro Damásio — então trabalharemos, depois das 16 horas. Fora disso, nada feito. Que os navios continuem a atravancar o porto.»

O que vale no cais é a unidade e a organização. Mesmo diante das manobras do administrador do porto e de Duque de Assis na presidência da União dos Servidores do Porto, os portuários não se deixarão iludir. Eles conquistarão suas reivindicações porque Duque de Assis passa mas, o que é permanente e o que resolve o que se torna cada vez mais sólida é a organização dos trabalhadores do porto.



Navios yanques levam quase de graça nossas riquezas minerais. O Acôrdo Militar, contra o qual luta todo o povo, se aprovado, tornará a situação mais grave ainda: americanos pisando nossa terra, carregando o que puderem e escravizando os trabalhadores. No clichê, o contraste chocante: o minério é carregado para os Estados Unidos enquanto trabalhadores brasileiros arrebentam-se de trabalhar.



Os portuários cariocas, trabalhando pesado, sem segurança e ganhando pouco, não se deixam intimidar pelas insinuações de Getúlio e do administrador Ismael. Eles estão decididos a conquistar o Abono e condições de vida e de trabalho mais humanas. Por isso, estão em greve após as 16 horas, há mais de 15 dias.

O "Lobismo" Instituição Parlamentar Americana...

É um engano pensar que nos países capitalistas existem apenas duas câmaras, que o regime é apenas bicameral, como eles dizem, compondo-se o poder legislativo de Câmara dos Deputados e Senado. Na realidade, existe e funciona, influente e decide uma terceira câmara nos corredores das assembleias legislativas, nos gabinetes particulares dos líderes de bancada, nos banquetes e recepções, nos escritórios dos burgueses endinheirados. Em nosso país, isto foi batizado, embora muito vagamente, de «advocacia administrativa».

Essa «advocacia administrativa» consegue leis, portarias e regulamentos que favorecem os interesses de determinados grupos. Um exemplo bem conhecido é o célebre «caso Cantinho», que fez a fortuna ilícita dos ferreiros anti-comunistas do «Diário Carioca», Macedo Soares, Danton Jobim & Cia.

Assim também são conseguidas modificações no traçado de estradas e ferrovias para valorizar certas terras de certos fazendeiros, verbas para a «construção» de açúes imaginários nos domínios de algum senhor feudal no Nordeste.

Nos Estados Unidos, que servem de modelo para essa corrupção oficializada, isso se chama «lobismo». Esta palavra vem de «lobby», que significa ante-sala, corredor.

Hoje em dia, essa terceira câmara é comandada diretamente, em nosso país, pela embaixada americana. É ela quem orienta e paga as seções políticas dos jornais da reação, que distribui as propinas para obter votos parlamentares em favor do câmbio livre, da Petrobrás, do acordo militar. É ela quem determina as decisões da Cofap de modo que o aumento do preço e a distribuição da carne, por exemplo, sejam feitos de acordo com os interesses dos frigoríficos americanos.

Nos Estados Unidos, o «lobismo» está diretamente ligado aos escritórios dos grandes monopólios.

Eis alguns exemplos dos altos negócios dos lobistas:

Roberto Bemspeck, depois de ser deputado durante vinte anos, resolveu utilizar melhor sua influência e suas relações. Ele tornou-se o chefe dos «lobistas» da companhia de navegação aérea «Air Transportation Association of America» com o salário anual de 25.000 dólares.

O conhecido «lobista» Slotter, representante das Bolsas de cereais de Chicago, Kansas City e Minneapolis, conseguiu certa vez que o Congresso votasse uma lei proibindo aos organismos governamentais que construíssem, comprassem ou alugassem silos ou elevadores para o armazenamento de cereais. Isso era indispensável aos proprietários particulares de silos e elevadores para que mantivessem o controle monopolista do comércio de cereais, impondo preços baixos aos agricultores e cobrando preços altos aos consumidores. Por esse «serviço», Slotter recebeu a ninharia de 34.000 dólares.

A Associação Americana dos Mecânicos denunciou que os «lobistas» da Associação dos Industriais Ianques gastaram cem milhões de dólares para obter a aprovação da lei Taft-Hartley, a odiosa lei anti-operária que priva os trabalhadores americanos de todos os seus direitos. É claro que os congressistas acharam o preço pago pelo seu voto bastante razoável, pois a lei foi aprovada.

—(0)—

O «lobismo» é uma atividade legal e normal no corrupto meio parlamentar americano. Os «lobistas» possuem seus estatutos, seu quartel-general e seu estado-maior em Washington.

Dispõem de lugares «permanentes» nos corredores do Congresso, assistem às sessões da Câmara e do Senado e às reuniões das comissões técnicas. Oferecem banquetes, recepções, bailes e organizam as homenagens «espontâneas» aos parlamentares e ministros.

O próprio «Board of Trade» (Ministério do Comércio) reconheceu publicamente que nada menos de 3.000 monopólios atuam dessa



A Casa Branca e o Capitólio ficam juntos

forma sobre o Congresso. O «Congressional Quarterly» (Diário do Congresso) fixou certa vez em 1.333 o número de «lobistas» registrados, o que dá mais ou menos três «lobistas» por deputado ou senador.

A revista «New Republic» escreveu: «Somos enormes em dinheiro são empregados para uso e gozo dos membros do Congresso». E em 1946, sob a pressão da opinião pública, o Congresso chegou a adotar uma lei sobre os «lobistas» determinando que as pessoas que recebem 500 dólares ou mais «para favorecer a aprovação ou a rejeição rápida de certas leis são obrigadas a se registrar na secretaria do Senado ou da Câmara e a fornecer suas credenciais».

É a oficialização pura e simples do suborno como instituição do modo de vida americano. É claro que essa lei continua no papel, apesar de tudo. Porque os «lobistas» sabem guardar o mais estrito segredo profissional, protegendo os nomes de deputados e senadores e não revelando as gordas gorjetas que eles recebem dos trustes.

Certos governos reacionários, que vivem agachados diante dos guichês ianques, mantêm «lobistas» muito bem pagos em Washington: Chiang Kai Chek, Tito e Franco pagam «lobistas» que lhes encaminham em-

préstimos. Os «lobistas» funcionaram agora mesmo com o escandaloso empréstimo do Eximbank ao Banco do Brasil para pagar os atrasados comerciais, com altos juros arrancados do povo brasileiro.

Assim é a política do «lobismo», a terceira câmara. Ela exprime com eloquência a corrupção do sistema parlamentar burguês em geral e dos Estados Unidos em particular. Ela mostra a venalidade dos «representantes do povo» a serviço dos monopólios e dos incendiários de guerra. O «lobismo» demonstra o caráter de classe, antipopular, da democracia do dólar e mostra o que é o decantado modo de vida americano.

A aprovação em primeira discussão do acordo militar é a mais recente e criminosa façanha do «lobismo» no Brasil. A mobilização popular impediu durante largo tempo que o suborno e chantagem ianques fizessem passar o acordo infame em primeira discussão. O Eximbank entrou com um empréstimo de 300 milhões de dólares para ajudar os «lobistas» da embaixada ianque. Os traidores são comprados, afinal é essa a sua profissão. Mas o povo não se vende e não se rende.

Prosseguirá com mais intensidade e espírito ofensivo a luta que acabará derrotando o acordo da traição.

do referido «acordo»:

— «As nossas instituições serão, desde agora suficientemente garantidas».

Temos o gen. Weygand de Gois Monteiro, os nossos Petain, o nosso Laval, pron-

tos para constatar o crime contra a Pátria. Mas se engana «O Estado de S. Paulo» quando diz que o «acordo» é «um assunto que não nos deve mais preocupar». Deseja o «quisling» Julio de Mesquita Filho que o povo não fale mais nele, quem sabe para não inquietar a consciência dos Judas, que esperam dormir tranquilos.

Amarga ilusão. Agora é que o povo sente mais a necessidade de derrotar e derrubar o Acordo. A aprovação do chamado Acordo Militar Brasil-Estados Unidos significa a guerra para o nosso país.

É o próprio jornal do sr. Julio de Mesquita que afirma que o «acordo» nos traz «obrigações bélicas», mas que o Brasil é forçado a aceitá-lo para salvar-se.

O chanceler da Ultra-Gás não ousou a tanto, porque o argumento lembra em côres de tragédia o velho Petain, «para salvar a França», entregando-a aos seus algozes. E o que aconteceu depois deve dar calafrios aos «quislings» brasileiros.

Nos 4 Cantos do Mundo

ASSEMBLEIA GERAL DA ONU

No dia 24, reiniciou suas sessões a Assembleia Geral da ONU. A sessão de reabertura durou apenas oito minutos, pouco mais do que o tempo necessário para a leitura da hipócrita mensagem de Eisenhower que declara terem os delegados «uma grande oportunidade para adiantar a causa da paz».

Eisenhower procura causar a falsa impressão de que trabalha pela paz. Um dos principais pontos na ordem do dia é o que se refere à cessação do fogo na Coreia. As vésperas da reabertura dos trabalhos da Assembleia Geral da ONU, os agressores americanos na Coreia reiniciaram sua hedionda guerra bacteriológica contra as populações pacíficas da Coreia do Norte e da Manchúria. Esses atos selvagens vieram em seguida à desneutralização da ilha chinesa de Formosa, parte dos planos para atacar a China Popular e estender o conflito.

35.º ANIVERSÁRIO DO EXERCITO SOVIETICO

Transcorreu a 23 o 35.º aniversário do Exército Soviético e da Marinha de Guerra da URSS. A grande data foi festivamente comemorada em toda a União Soviética e em vários outros países. O marechal Sokolovski, chefe do Estado-Maior do Exército Soviético, publicou um artigo na «Pravda» em que diz:

«O povo soviético segue com segurança o caminho traçado pela grande Partido de Lênin e de Stálin para a construção do comunismo. Para a defesa do país temos um exército pronto, ao primeiro apelo do Partido Comunista, do governo da União Soviética, do seu chefe e comandante, o camarada Stálin, para desferir golpes mortais contra qualquer agressor».

EMBAIXADOR AMERICANO EM MOSCOU

Malik, vice-ministro do Exterior da URSS anunciou ao encarregado dos negócios da embaixada americana que o governo concordou em acolher o sr. Charles Bohlen como embaixador americano em Moscou. Bohlen vem preencher a vaga aberta pelo provocador e espião George Keenan que foi considerado «persona non grata» pelo governo soviético, em virtude de suas agressivas e caluniosas afirmações à imprensa americana na Alemanha Ocidental. Keenan prometeu ser mais «prudente» mas não pôde voltar a Moscou.

O Departamento de Estado suspendeu de suas funções o sr. Alfred Morton, chefe dos Serviços de Rádio-Difusão da «Voz da América», estação do governo americano destinada a mentir sobre a União Soviética. A medida está ligada ao alarme causado pela crise de ouvintes.

SERIA O FIM DO «EXERCITO EUROPEU»

Os incendiários de guerra de Washington reúnem seus satellites do Pacto do Atlântico Norte numa conferência em Roma. O «quisling» De Gasperi, como dono da casa, deu-lhes as boas vindas e desejou-lhes êxito na tarefa. A tarefa é nada menos que acertar os relógios para que afinal saia o chamado «exército europeu». Com esse nome pomposo eles designam a horda apátrida de mercenários que, sob o comando do General Peste Ridgway, deverá atacar as Democracias Populares e a União Soviética. Com o expediente do «exército europeu» os americanos pretendem recrutar carne de canhão na Europa e disfarçar o renascimento do exército nazista.

As negociações são feitas em segredo. Mas é evidente que as condições exigidas pelos «quislings» franceses, sob a pressão crescente do povo francês que não admite a ressurreição da Wehrmacht de Hitler, estão pondo o arranjo indecoroso em perigo. Os próprios propagandistas de guerra reconhecem que em lugar do êxito desejado por De Gasperi, essa reunião «seria o fim do projetado exército europeu». Porque a luta dos povos europeus pela paz cria enormes dificuldades para a solução do impasse franco-alemão.

ANISTIA A CRIMINOSOS DE GUERRA

Durante a guerra, os monstros nazistas fecharam 624 pessoas, homens, mulheres e crianças, na igreja da aldeia francesa de Oradour. Depois atearam fogo ao templo. Somente uma das vítimas conseguiu escapar com vida, a sra. Marguerite Houffranger. Entre os bandidos figuravam treze franceses. Há poucos dias teve lugar o julgamento dos canibais nazistas e dos seus lacaios, assassinos cruéis de seus próprios irmãos franceses. As provas da acusação foram esmagadoras.

Eis que o governo de traição nacional da França, continuador e sucessor dos monstros de Oradour, resolveu anistiar os 13 traidores objeto do santo ódio do povo. Foi fabricada uma lei anistando os «franceses» que serviram aos alemães, sua polícia e suas forças de ocupação «à força». Essa lei foi feita de encomenda para salvar da justiça os sanguinários assassinos de Oradour. Uma onda de protestos varre a França inteira. O grande povo francês verifica que os novos Petain obedecem agora aos americanos, que dão as mãos aos sobreviventes do nazismo derrotado. A anistia aos criminosos de guerra não salvará os bandidos, que mais dia menos dia pagarão pelos seus crimes hediondos. Ela estende a condenação aos vende-pátrias do governo.

UNIÃO ECONÔMICA CHILE-ARGENTINA

Na presença dos seus ministros do Exterior, os presidentes Ibañez, do Chile, e Perón, da Argentina e que se encontram em visita àquele país, assinaram uma ata estipulando o prazo de 120 dias para concluir uma união econômica entre os dois países. A ata tem quatro pontos, prevê a adesão de outros países americanos e compromete os dois governos a realizarem planos para coordenar a produção e o comércio e impulsionar a industrialização.

O governo tinha abandonado Paris e se refugiado em Bordéus, enquanto os alemães se aproximavam dos subúrbios de Paris. O povo queria lutar e pedir armas, mas o governo tinha medo de armar o povo. Na dramática reunião de Bordéus, Weygand lançava o último trunfo para entregar a França a Hitler.

Os comunistas — dizia ele — já estão nos Campos Eliseos.

A chantagem seria pouco depois desmascarada, mas antes mesmo já haviam entregue a França aos nazistas com o pretexto do comunismo, de cujas fileiras sairia o maior número de mártires e heróis da Resistência!

Este é um episódio de ontem, reavivado em nossa memória nestas horas de traição em que se pretende entregar o nosso país a uma potência estrangeira também sob o pretexto do comunismo.

Insinuou-o já várias vezes esse Laval de gravata escura que é o sr. João Neves da Fontoura. Ou aprovamos imediatamente o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos ou os comunistas terão obtido uma grande vitória, preparando o assalto ao poder. No dia 25 escrevia «O Estado de São Paulo», imediatamente à aprovação, em primeira discussão,

Tiro ao Alvo

EGYDIO SQUEFF

COMITÊS DE MÃES CONTRA O ACÓRDO MILITAR

“Quem faz nascer a vida somos nós, por isso a queremos salva da guerra” — diz em
★ ☆ “Carta às mães” a Federação de Mulheres do Brasil ☆ ★

A Federação de Mulheres do Brasil vem de divulgar uma «Carta às Mães». É este documento, vibrante e comovente, que transcrevemos abaixo:

«MÃES BRASILEIRAS»

Esta é uma conversa de mães, saída de dentro do coração. Nossas palavras são simples e francas porque somos mães e sabemos entender-nos.

Por que devemos conversar agora, unidas, falar de nós e de nossos filhos?

Por que sentimos necessidade de unir nossos corações para um protesto, um pedido?

Por que o assunto desta conversa nos toca tão de perto, faz parte de nossos trabalhos de casa, de nossas aflições e pensamentos?

Porque é um assunto muito sentido por tôdas as mães pois se trata da vida dos nossos filhos. E quando a vida de nossos filhos está em perigo, quando alguém os ameaça, saltamos para protegê-los e sabemos morrer para salvá-los. A nossa maior glória é vê-los viver, pois são o sangue do nosso sangue, prolongam a nossa vida, satisfazem o nosso orgulho!

Quando uma mulher se torna mãe, tem um filho nos braços, amamenta-o, acompanha-o desde os primeiros movimentos até vê-lo crescido, feito homem, tudo isso significa o fruto de sua dedicação, de suas preocupações, de suas canseiras. E é também um dom de vida, uma alegria, um triunfo. Por isso é que, continuando a vida criadora do homem, a mãe é também criadora da Paz.

Agora nos erguemos para impedir um perigo, guardar os nossos filhos contra uma emboscada de morte! Estamos defendendo os melhores anos de nossa vida! A infância, a juventude, o futuro de nossos filhos bem amados, dignos do direito à felicidade e nunca, isso nunca, descidos à sinistra obrigação de cair numa cilada fatal.

POR QUE ARMAS EM VEZ DE LIVROS?

Contra essa traição às mães, contra essa cilada aos nossos filhos, contra essa conspiração e esse perjúrio é que devemos unir nossos corações, nossos apelos, nossos corpos e nossa alma.

Esta é a razão de nossa conversa em torno de um assunto que nos toca tão de perto, tão de perto que chega a esmagar os nossos corações e a provocar



«Quando uma mulher se torna mãe, tem um filho nos braços, amamenta-o, acompanha-o desde os primeiros movimentos até vê-lo crescido, feito homem, tudo isso significa o fruto de sua dedicação, de suas preocupações, de suas canseiras. E é também um dom de vida, uma alegria, um triunfo. Por isso é que, continuando a vida criadora do homem, a mãe é também criadora da Paz».

nossas lágrimas ao perguntar-mos: Que querem fazer dos nossos filhos? Que pretendem fazer de sua juventude? Por que não lhes dão livros em vez de armas? Por que não lhes oferecem trabalho em vez de guerra? Por que querem transformar os nossos queridos filhos em pobres, desgraçados, desfiguradas criaturas para sempre perdidas para nós, roubadas ao nosso carinho e ao nosso olhar?

UM ACÓRDO CONTRA AS MÃES

É o que querem fazer, mães brasileiras, ao impor ao nosso povo um acordo que chamam de Acórdo de Assistência Militar Brasil-Estados. É um acórdo de guerra. É um acórdo contra os nossos lares, principalmente contra os nossos filhos. Aprovado esse acórdo ficará o Brasil obrigado a entregar milhares de seus

filhos para a guerra da Coreia, ou para qualquer outra guerra em que se envolvam os Estados Unidos. Para cumprilo deverão ser gastos muitos milhões de cruzeiros, todos pagos pelo nosso país.

Como o nosso governo conseguirá esses milhões? As nossas fábricas passarão a produzir para a guerra, como já é o caso de Volta Redonda que em vez de produzir aço para a construção de trilhos para as nossas estradas, de máquinas agrícolas para a nossa lavoura, produz obuses, chapas para tanques de guerra, etc. Isso diminuirá a produção dos artigos necessários à vida do povo. As despesas militares serão aumentadas. Virão para o nosso Brasil chefes militares americanos para comandar nossa Marinha, nosso Exército, nossa Aeronáutica. Virá também uma legião de

funcionários americanos civis e militares para controlar toda a vida de nossa terra. Esses homens virão para aqui dar ordens, escravizar-nos, e serão pagos por nós. Em consequência de tudo isso, os impostos e os preços de todos os artigos de primeira necessidade serão aumentados.

Em vez de dinheiro para construção de escolas para os nossos filhos, o acórdo obriga o nosso país a desviar grande parte das nossas rendas para pagar as despesas de manutenção de tropas americanas no Brasil e para custear armas, envio de soldados e abastecimento para a guerra.

Em vez de extrairmos as nossas riquezas para construir maternidades, creches, colégios, jardins de infância, escolas profissionais, habitações baratas, essas riquezas são

enviadas, pelo acordo ao consumo da guerra, para lucro único e farto dos negociantes da guerra.

Um quilo de carne que vá para a guerra há de faltar-nos na nossa mesa. Uma peça de tecidos destinada à carnificina é pano que falta aos nossos filhinhos, é véu que há de faltar às noivas, é mais nudez, mais miséria e abandono para milhões de crianças brasileiras.

E mais do que isso, além de tirar-nos o pão, aumentar as nossas dificuldades, querem arrancar-nos nossos filhos! Já não se contentam com a escassez da água, da luz, do transporte. Em aumentar o preço do pão, do açúcar, do arroz, do feijão, do leite. Querem completar o nosso sofrimento, tirando-nos os nossos filhos.

É por isso que conver-

temos, agora, como se fossemos conhecidas, desejando que a nossa união de mães seja a maior barreira contra a guerra, a maior força de paz, para impedir que esse acórdo seja aprovado e assegurar aos nossos filhos a vida a que têm direito e não a morte na Coreia a que os obriga o acordo de comando e traícoeiro.

ESSA DESGRAÇA PODE SER IMPEDIDA!

Por que não nos unimos para evitar essa desgraça? Por que deixar que os nossos filhos sejam levados pelo engano, pela mentira, pela violência? Não e não! Seria traí-los! Seria traír o sagrado sentimento da maternidade, se ficássemos passivas, inertes caladas diante da traição e da ameaça.

Mães brasileiras: Unamo-nos! É o que nos pede o nosso coração de mães, acima de políticas ou de quaisquer outros interesses.

Façamos os nossos Comitês de Mães para a defesa dos nossos filhos!

Vamos contar às nossas amigas e conhecidas o que sabemos sobre esse acordo, pois não há quem seja capaz de permanecer mudo e parado depois de o conhecer.

Façamos do amor imenso que dedicamos aos nossos filhos, uma barreira que os traidores de nosso querido país não possam transpor. Organizemo-nos na Federação de Mulheres do Brasil, ao lado de milhares de mulheres que ali trabalham pela felicidade das mulheres e das crianças brasileiras.

«QUEREMOS A VIDA TRIUNFANTE!»

Apoiemos e participemos das Assembléias Regionais Femininas a realizarem-se dia 20 de março, respectivamente, em São Paulo, Niterói, Recife e Fortaleza, em preparação ao CONGRESSO MUNDIAL DE MULHERES marcado para junho próximo na Dinamarca.

Que a força do nosso amor, do nosso carinho de mães faça deter a ameaça, guarde a vida dos nossos filhos. Basta de guerra, basta de luto, basta de tanta dor por tanto filho morto e mutilado. Quem faz nascer a vida somos nós, por isso a queremos salva da guerra, isenta do perigo, triunfante!

Federação de Mulheres do Brasil.

N.R. — Os subtítulos são da redação.

A Flama da Luta Contra o Acôrdo Militar Empolga o Rio Grande do Sul

"PRA CORÉIA EU NÃO VOU NÃO!"

Nos pampas, os trovadores não faltam a qualquer grande festa popular. Com extraordinária presença de espírito e rica inspiração eles improvisam versos cadenciados, os mais belos e simples, em torno do motivo festivo. Na sua poesia falam das façanhas mais admiradas, levam ao ridículo extremo os inimigos do povo, exaltam as glórias do passado. No comício de Uruguaiana eles fizeram versos assim:

Eu só defendo o meu chão!
P'ra Coréia eu não vou não...
Não sou carne de canhão
P'ra brigar p'ra americano...

Os versos iam saindo, em cada um a determinação irresistível. Dezenas, centenas de glosas, traduzindo numa linguagem entusiástica os sentimentos profundos de povo gaúcho contra o Acôrdo Militar. Pouco depois, milhares de pessoas, dominadas pelo mais puro fervor patriótico, se aglomeravam o local do comício. Falaram os oradores programados, mas não apenas estes. Do seio da multidão populares pediram a palavra e discursavam também. Um anfitrião alquebrado pelos anos, erguia a mão ossuda empunhando um jornal. Queria falar. Subiu ao palanque e abriu o jornal. Era um exemplar do «Correio do Povo», órgão reacionário da imprensa gaúcha. Com voz trêmula de emoção, o velho pôde ler o telegrama de Washington. Informava que mais de 30 mil soldados americanos já haviam desertado para não ir morrer na Coréia. «E' por isso, meus amigos — concluiu com os olhos marejados — que eles querem soldados brasileiros!» Tempestuosos aplausos abafaram suas palavras.

Essa manifestação de Uruguaiana, impregnada do mais autêntico sentimento popular, não é contudo, um fato isolado no Rio Grande do Sul. Quem passa por Porto Alegre, Erechim, Cruz Alta, Santa Maria, Passo Fundo ou outras cidades gaúchas poderá sentir nas vibrantes inscrições murais, como nas convenções com pessoas simples, que a repulsa ao Acôrdo da traição está no sangue do povo.

POR QUE O CADEM É A FAVOR DO ACORDO?

Bem próximo à sinistra e obscura mina de Acroio dos Ratos, em S. Jerônimo, realizou-se uma reunião para debate do Acôrdo Militar. A despeito das ameaças do CADEM, dezenas de mineiros compareceram, alguns deles já velhos e aposentados aos 30 anos de idade, apenas. Chegaram à conclusão de que o Acôrdo nada lhes traria de bom. Pelo contrário, os patrões do CADEM, estes sim, é que teriam abertas as possibilidades para auferir maiores lucros e redobrar a exploração dos mineiros, com a aprovação do infame documento. Não só se pronunciaram contra o Acôrdo, como organizaram uma comissão na mina para dar à luta um caráter permanente e sempre mais elevado.

Em Livramento, onde o fri-

OS BRAVOS FERROVIÁRIOS DE SANTA MARIA

Que significa a guerra para os ferroviários? São as horas extras de trabalho, as jornadas de 30, 40 e mais horas, conforme as necessidades militares, é o sacrifício de qualquer reivindicação em nome do esforço de guerra. Os ferroviários gaúchos sofreram tudo isso e muita coisa mais durante o último conflito. Faz pouco tempo, E' pois, compreensível que eles se oponham com tanto vigor ao Acôrdo Militar, que é um acôrdo de guerra.

Em Santa Maria, que é o

górico «Armour» suga o sangue e as forças de milhares de operários, o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Frio e todos os demais Sindicatos participam ativamente da campanha contra o Acôrdo, apoiam a Comissão Municipal e ajudam na organização das comissões nos bairros e empresas para lutar pelo mesmo objetivo. Em recente ato público ali realizado, os trabalhadores do feigorífico, que fica afastado da cidade, asseguraram seu comparecimento alugando vários caminhões para transportá-los. A circunstância de a reunião haver sido promovida à noite não os deteve.

Também nos Sindicatos de Porto Alegre, ao lado dos seus problemas específicos, os trabalhadores debatem calorosamente o Acôrdo e votam energicas resoluções de repúdio ao pacto guerreiro.

principal centro ferroviário do Rio Grande do Sul, os trabalhadores se entrosaram e desenvolveram a campanha. Nos barracos operários da cidade, os ferroviários convidam amigos e vizinhos e realizam palestras em suas próprias casas sobre o Acôrdo. Os comícios e manifestações públicas contam com a presença e o entusiasmo dos ferroviários. O demagogo e traidor Brochado da Rocha passou mal quando de sua última estada em Sta. Maria.

Organiza-se o povo gaúcho para participar da próxima Convenção Nacional

Em nosso país, os camponeses são sempre lembrados pelos generais fascistas quando se trata de arrebatar carne para canhão. Entretanto em Erechim tropeçaram em forte resistência, se o tentassem. Naquele município gaúcho, cujas terras são trabalhadas por colonos de mais de vinte nacionalidades ou seus descendentes, realizou-se um grande comício contra o Acôrdo Militar. Praticamente toda a cidade —

muitos milhares de pessoas — participou da manifestação. A Liga Camponesa do norte do município se fez representar. E desde a véspera do comício começaram a chegar camponeses para assistir ao ato. Vinham de caminhão, a pé, a cavalo, por todos os meios. Depois dessa manifestação não pode haver dúvida quanto aos sentimentos do povo em relação ao Acôrdo Militar.

uma moção contra o Acôrdo, manifestaram-se no mesmo sentido as de Santa Maria, Santiago do Boqueirão, de Pelotas. Esta última, juntamente com as de Bom Jesus, Cruz Alta, S. Gabriel e Taquara, dirigiu um apelo a todas as demais Câmaras do Estado para que venham engrossar a corrente patriótica.

Em Bagé foi de um líder udenista que partiu a mais veemente condenação à atitude fascista do general chefe do destacamento local, cercado a praça onde se

deveria realizar um ato público e também a residência do monsenhor Costabile Hippolito, então em viagem no Rio. A atitude fascista do foi qualificada como afronta à população de Bagé. Afinal, o ato se realizou depois, com grande comparecimento. Em Cruz Alta, a seção municipal do Partido Libertador votou moção de repulsa ao Acôrdo. Muitos outros exemplos poderiam ser enumerados de dirigentes políticos, de personalidades que acompanharam o povo na luta patriótica.

DEFENDEM O QUE TEM DE MAIS SAGRADO

As palavras são sibilinas: «... proporcionar forças armadas as Nações Unidas». Estão no preâmbulo do Acôrdo Militar. Apesar disso, não conseguem enganar o coração das mães gaúchas. Elas sabem e sentem o que isto representa. Na Coréia é sob o nome da ONU que os americanos fazem a guerra. «Forças armadas para as Nações Unidas» é o mesmo que tropas do Brasil para a Coréia. As mulheres gaúchas se erguem contra o Acôrdo, demonstrando a mesma bravura com que participaram das lutas de agosto último contra a carestia e a política de guerra do governo. Agora, elas defendem o que possuem de mais sagrado: a vida de seus filhos.

No grande comício de Pôr-

to Alegre, a 15 de janeiro, a sra. Odith Saldanha, presidente da Federação de Mulheres do R. G. do Sul falou da apreensão das mães diante do Acôrdo e sua determinação de não permitir que ele passe. Em Caxias do Sul, expressiva manifestação foi realizada por iniciativa da União Feminina local. Em Uruguaiana, Erechim, Rio Grande, Bagé e outras cidades as mulheres participam da campanha, coletam assinaturas contra o Acôrdo, organizam comissões de luta, inspiradas no nobre exemplo de Angelina Gonçalves, a heroína tombada na manifestação de 1º de maio de 1950 em Rio Grande, as mulheres gaúchas defendem com obstinação e bravura a vida de seus filhos.

UMA CAMPANHA DE MASSAS

Para os americanos e seus agentes da camarilha de Vargas o ideal seria fazer aprovar o acôrdo silenciosamente. A vigilância popular frustrou esse intento. Tampouco, podem agora impedir que a luta se desenvolva. É que o caráter de massas da campanha assegura sua legalidade. No centro mesmo da capital gaúcha, alguns beaguins tentaram prender um grupo de senhoras que colhia assinaturas contra o pacto. A pronta solidariedade de populares, entre os quais oficiais e soldados do Exército, logo se manifestou.

Em Cruz Alta, o prefeito e o delegado de polícia, dois fascinados, prenderam alguns coletores de assinaturas e os processaram pela nova lei de segurança. O Juiz local, dr. Augusto Uflacker, mandou libertar os cidadãos presos, decla-

rando que se tratava de uma campanha patriótica e que eles estavam cumprindo com um dever cívico. Nessa mesma cidade, a polícia premeditou um massacre quando da realização de uma conferência do vereador Aristides Saldanha. O teatro local estava lotado. Os beaguins, inicialmente, cortaram os fios da emissora que irradiava a sessão e uma malta de policiais invadiu o recinto. A disposição do povo, porém, obrigou os fascinosos a recuar e a abandonar seus planos sinistros. A despeito da polícia, o povo assegurou a liberdade de reunião e prosseguiu o ato.

Oficiais de diferentes graduações e soldados do Exército têm assistido a manifestações públicas contra o Acôrdo no Rio Grande do Sul.

FICAM AO LADO DO POVO

A luta de massas pela rejeição do Acôrdo desperta o sentimento patriótico de todas as camadas da população, que se vão engajando na luta. Numerosos deputados, vereadores e líderes

de diferentes partidos no R. G. do Sul tomam posição patriótica na campanha. Quinze deputados apoiaram o comício de Pôrto Alegre. Além da Câmara Municipal da Capital, que aprovou

OS TRAIDORES PASSAM MAL

Desgraçadamente, no Rio Grande do Sul há também alguns traidores, que se venderam por 30 dinheiros à Embaixada Americana e apoiam o Acôrdo Militar. São muito poucos, mas são sobretudo covardes. Eis os nomes de alguns deles: Brochado da Rocha foi o requerimento que apressou na Câmara a votação de seu esforço servil para fazer aprovar o Acôrdo. De Brochado da Rocha foi o requerimento que apressou uma Câmara a votação do Acôrdo e é também conhecida a fidelidade canina de Fernando Ferrari quando está em jogo o interesse e seus patrões ianques. Já chegou a ponto de tentar agredir na Câmara o patriota Roberto Moreira, intrépido lutador contra o Acôrdo. Nas recentes férias do Parlamento, foram ao Sul rever os eleitores, contar-lhes as mentiras de costume. Em Santa Maria, Brochado da Rocha, que conseguiu se eleger na garupa de demagogia getulista, iludindo os eleitores, entre os quais parte dos ferroviários, foi encostado à parede quando comissões dos próprios ferroviários e de senhoras exigiram dele que votasse contra o Acôrdo. O traidor bufou, tratou de negar, sem coragem de confessar que é pelo regime de guerra para os ferroviários, que é favorável ao envio para a morte dos filhos de aquelas mulheres a quem ele enganou na campanha eleitoral. Reputado para diversos debates públicos sobre o Acôrdo, fugiu acovardado. Passou mal o traidor Brochado. Outro tanto lhe sucedeu em Pôrto Alegre, Bagé, Rio Grande, inquirido por um vereador sobre o Acôrdo, Brochado, com todo o cinismo que Deus lhe deu, declarou que não conhecia o assunto. Assim são os deputados da Embaixada Americana. Vivem e viverão cada vez mais escoraçados pelo povo que não tardará em acertar contas com eles.

A casa do traidor Ferrari, em Pôrto Alegre, foi marcada a pique pelos patriotas. E Flores da Cunha começa a encontrar oposição à sua atitude vende-pátria dentro do próprio lar: seu filho, o patriota José Bonifácio Flores da Cunha, apoiou e participou do comício «Santa Maria contra o Acôrdo Militar».

Positivamente, as últimas férias parlamentares não podem ter deixado saudades a esses traidores da Pátria.

EM MARCHA PARA A CONVENÇÃO NACIONAL

O que se passa no Rio Grande do Sul é bem o índice do estado de espírito de milhões de brasileiros, de todos os pontos do país, que não conseguem sopitar sua indignação diante da vergonha, da ignominia do Acôrdo Militar. As manifestações realizadas no sul como em todo o Brasil são a prova mais evidente de que as massas estão dispostas a lutar para tornar impossível sua ratificação e tirar da cabeça dos americanos e seus lacaios qualquer pretensão de aplicá-lo. Os gaúchos, como os brasileiros de muitos outros Estados, quando se organizam em comissões estaduais, municipais, de bairro de empresa, etc., demonstram que as massas podem derrotar o Acôrdo pela luta organizada. No próximo dia 14 se instalará nesta Capital a Convenção Nacional contra o Acôrdo Militar. Se essa Convenção exprimir o sentimento já demonstrado pelas massas em todo o país e contar com o apoio organizado dos diferentes setores da população, poderá constituir-se num golpe decisivo contra o Acôrdo Militar. O fato de ter sido aprovado em primeira discussão na Câmara, se de um lado agrava o perigo de sua aprovação, por outro torna mais visível para as massas a necessidade de derrotá-lo. Os 300 milhões de dólares podem comprar alguns parlamentares desfibrados, mas não a consciência do povo.



A participação dos jovens gaúchos na luta contra o Acôrdo Militar vem desde o momento em que foi assinado o pacto da traição. Entre as ações levadas a efeito pela juventude gaúcha destacou-se a que se vê acima: o juri simulado do Acôrdo. Da esquerda para a direita vêem-se: o advogado do Acôrdo, John Neves e um seu amigo americano; parte da assistência; os três juizes que acabaram condenando o tratado guerreiro e, por fim, três testemunhas apresentadas pelo dr. Zé Povinho, advogado da acusação; um operário, um estudante e uma noiva. Este ato foi um verdadeiro sucesso.